RIO DE JANEIRO, 19 DE ABRIL DE 1947

ANO II — NUMERO 66

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ATO DESESPERADO
DO GRUPO FASCISTA NO GOVERNO

PRESTES DEFENDE DA TRIBUNA DO SENADO A CONSTITUIÇÃO E A DEMOCRACIA

Da tribuna do Senado, Prestes pronunciou, quinta-feira ultima, um importante discurso alertando a Nação contra os atentados á Constituição da Republica. Durante esse discurso, Prestes teve que responder ás mesmas e batidas provocações de elementos reacionários contra o Partido Comunista levantadas diariamente pela imprensa venal. Pôde, finalmente dar a conhecer o ponto de vista do Partido sobre o decreto anti-constitucional que suspende as atividades da União da Juventude Comunista, cujo trecho principal publicamos a seguir:

"O Partido Comunista vem lutando e continuará a lutar pelo estrito cumprimento da Constituição de 18 de setembro. E' por isso que a publicação do decreto do Governo, mandando encerrar, por seis meses, o funcionamento da Juventude Comunista, não pode deixar de ter nosso protesto. Esse ato do Governo é indicio não de força, porque um Governo forte não precisa de usar de atos arbitrarios, inconstitucionais. Isso é prova de fraqueza, prova de desespero, desse pequeno grupo de fascistas, que ainda exerce influencia sobre o General Dutra, que o arrasta a atos tão prejudiciais ao seu proprio governo. Além disso, atraz deles, estão os interesses contrarios á nossa Patria, os interesses de capital monopolista norte-americano, o mais interessado pela liquidação do Partido Comunista. O capital monopolista americano sente necessidade de acabar com os comunistas porque estes são os maiores lutadores contra o monopolismo norte-americano e o vêm desmascarando há muito em seus propositos. Foi o Partido Comunista que denunciou o livro azul, demonstrando que pretendiam os americanos arrastar o nosso povo a uma guerra com a Argentina. Por isso, precisam como primeiro passo fechar o Partido Comunista.

O sr. Hamilton Nogueira — Realmente foram os Estados Unidos que tomaram conta da Letonia, da Polonia, da Iugoslavia, Chescolovaquia, e outros países da Europa...

O SR. CARLOS PRESTES — São estes elementos que levam o General Dutra a cometer atos de desatino, como este, que representa crime de responsabilidade, nos termos da Constituição. Temos a certeza de que, amanhã, a Justiça dará ganho de causa á Juventude Comunista Brasileira, no mandado de segurança, já impetrado. O ato do General Dutra, ficará patente como crime de responsabilidade. S. Exa., repito, está sendo arrastado por conselheiros, como o Ministro Costa Netto, a cometer arbirariedades dessa natureza, não só em interesse dos imperialistas como numa provocação evidente. Pensam esses senhores que conseguirão, com o seu ato de desespero levar tambem ao desespero os comunistas? Estão enganados. Hoje, o essencial no Brasil e isto é uma advertencia para todos os partidos democratas — é o respeito á Constituição, o cumprimento exato da Constituição. Aceitamos o General Dutra como Presidente da Republica. Foi eleito e empossado e é, sem duvida, o chefe da Nação. Mas cometeu um erro político dos mais graves, de assinar este decreto. Mas confiamos na justiça brasileira. E' por isso que a União da Juventude Comunista, pelo seu comité de organização publica, nos jornais de hoje, uma nota, em que diz que acata a decisão do Governo, suspendendo o seu funcionamento, mas vai recorrer diretamente á Justiça. Os nobres Senadores hão de compreender que atos desta natureza, essa proibição de funcionamento é ilegal e que os seus termos são muito vagos. Ainda, hoje, o deputado João Amazonas procurará o Chefe de Policia, para indagar até onde se es-

(CONCLUI NA 7.ª PAG.)

CRIME CONTRA A CONSTITUIÇÃO
DE RESPONSABILIDADE DO PRESIDENTE

O Partido Comunista protesta, em sessão do Congresso, contra o ato ★ inconstitucional do Govêrno ★

Na reunião conjunta do Senado e Camara para discussão do veto do Presidente da República ao projeto, aprovado pelo Congresso, assegurando vantagens aos funcionários do Ministério da Educação, o deputado comunista Carlos Marighella protestou energicamente contra o recente decreto do govêrno suspendendo as atividades da União da Juventude Comunista, já depois de estar a mesma registrada de acordo com a Constituição. Disse o deputado Marighella:

"Não compreendemos como S. Excia. o Sr. presidente da República, em plena democracia, tomou atitude como essa que tenho oportunidade de verberar desta tribuna.

S. Excia. o Sr. presidente da República está rodeado de maus conselheiros e com o último ato procurou levar-nos talvez ao desespero, a uma tentativa de perturbação da ordem, mas podem estar certos os Srs. congressistas, o Sr. presidente da República, a Nação inteira, de que nós, comunistas, saberemos recorrer aos meios legais e não seremos levados a nenhum ato de desespero, pois estamos armados da lei e somos intransigentes na defesa da Constituição que votamos nesta casa. Não poderemos, de maneira alguma, fazer o jôgo daqueles interessados em levar o Brasil para o cáos, para a confusão, que só pode interessar aos remanescentes do fascismo.

Deixo aqui o protesto da bancada comunista, prometendo que o nosso Partido voltará á tribuna para fazer os comentarios em torno de tão infeliz medida tomada pelo Sr. presidente da República.

O senador Luiz Carlos Prestes aparteou:

— E' crime de responsabilidade do Sr. presidente da República.

— Diz V. Excia. muito bem — continuou Marighella — é crime de responsabilidade do Presidente da República, e daqui lhe fazemos uma advertencia, porque S. Excia. atenta contra a Constituição do País.

O MAIS SÉRIO GOLPE
SOFRIDO PELA CONSTITUIÇÃO

A SUSPENSÃO DE FUNCIONAMENTO DA UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA ★

A Comissão Executiva do Partido Comunista do Brasil distribuiu a seguinte nota sobre o ato do governo suspendendo por seis meses o funcionamento da União da Juventude Comunista:

"O Decreto de hoje, levado á assinatura do Presidente da República pelo sr. Costa Neto, ministro da Justiça, e que determina a suspensão por seis meses do funcionamento da União da Juventude Comunista é um dos mais sérios golpes até agôra sofridos pela Constituição de dezoito de setembro. E' evidente que os restos do fascismo infiltrados no governo e que tanto mal já causaram á administração do general Dutra, determinando o ambiente de provocações e intranquilidade reinante no país, cada vez mais desesperados com as sucessivas vitórias da democracia, desmandam-se em atentados sempre mais sérios e perigosos contra a ordem legal e constitucional.

A Comissão Executiva do Partido Comunista do Brasil lavra o seu mais veemente protesto contra esse ato do governo, ato inconstitucional porque desrespeita o paragrafo 12 do Art. 141 de nossa Carta Magna e se baseia em leis reacionárias e fascistas incompativeis com a nova época inaugurada no mundo com a vitória militar sobre o nazismo obtida á custa do sangue de nossa própria juventude.

O Partido Comunista do Brasil, que vem lutando intransigentemente em defesa da Constituição, dirige-se neste instante a todo o nosso povo, aos patriotas e democratas de todas as correntes e partidos politicos e a todos chama em defesa da democracia tão seriamente ameaçada para que manifestem por todos os meios seu repúdio ao ato reacionário do governo. E' rigorosamente dentro da ordem e fazendo uso dos recursos estritamente legais que haveremos mais uma vez de derrotar ao grupo fascista infiltrado no governo, já que o decreto em apreço contra uma associação juvenil e democrática e legalmente registrada, como a União da Juventude Comunista, não passa de provocação, na expectativa de pretextos que justifiquem maiores atentados á democracia.

Rio, 15 de abril de 1947.

COMISSÃO EXECUTIVA DO PCB".

Unamos todos os democratas em defesa da Constituição

Quando a reação iniciou a recente onda de provocações contra a União da Juventude Comunista, com "manchettes" sensacionalistas na "cloaca da imprensa", ouvimos do presidente da União Democrática Nacional, sr. José Americo de Almeida, que a UDN "responderia" ao Partido Comunista criando a União Democratica Juvenil.

No entanto, a pressão anti-comunista continuou em ascenso, os editoriais da imprensa venal repetiram velhas mentiras contra os comunistas e os restos do fascismo julgaram criado o clima dentro do qual poderiam desferir um golpe contra a Constituição.

Realmente, o conhecido reacionario sr. Costa Neto, ainda ministro da Justiça, levou á assinatura do Presidente Dutra um decreto suspendendo o funcionamento de uma organização perfeitamente legal, constitucional, registrada de acordo com as leis em vigor — a União da Juventude Comunista.

O decreto em apreço, não encontrando qualquer apoio na Constituição, teve que se "apoiar" em leis dos tempos da ditadura estadonavista, inclusive a famigerada "lei Monstro" pela qual se regia o odioso Tribunal de Segurança dos Himalaia Virgulino, Raul Machado e outros conhecidos fascistas.

O Partido Comunista, como em outras oportunidades, denunciou vigorosamente o novo e mais grave atentado á Constituição, Constituição que é fruto de lutas memoraveis do povo e que não pode ser rasgada impunemente pela reação.

Que fizeram, no entanto, os demais partidos politicos, que, como o Partido Comunista, juraram defender a Constituição?

Num momento decisivo como o que vivemos, quando mais audacioso se torna o grupo fascista infiltrado no governo, a maioria dos partidos políticos silenciou.

A UDN porem se manifestou publicamente, depois de uma reunião de sua comissão executiva. Que disse a UDN? Deu seu apoio ao ato arbitrario do governo suspendendo o funcionamento da União da Juventude comunista. Embora haja sua declaração um lado positivo, manifestando-

(CONCLUI NA 7.ª PAG.)

Vencedores na primeira etapa da Campanha de Finanças para o IV Congresso

SERGIPE E RIO GRANDE DO NORTE DÃO UMA VIRADA EM SUAS ATIVIDADES — O C. T. DO ACRE ENVIA SUA COTA COMPLETA — RIO E S. PAULO A' RETAGUARDA — OFERTA PRECIOSA DE PORTINARI

De acordo com o que foi estabelecido pela direção nacional do Partido, a 15 de abril encerrou-se o primeiro prazo para a distribuição dos premios aos organismos vencedores da campanha de emulação, compreendendo os CC.EE., CC. TT. e o Comitê Metropolitano.

Damos hoje um breve balanço da colocação desses organismos a 15 de abril, segundo suas comunicações e recolhimento das finanças correspondentes ao Comitê Nacional. No primeiro grupo — São Paulo e Distrito Federal — não houve vencedor. São Paulo ainda não deu sinal de vida quanto ao recolhimento que deveria fazer a 15 do corrente ao CN, cuja importancia, para fazer jús ao premio, deveria ser no mínimo de Cr$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros). O Comitê Metropolitano, igualmente, não correspondeu á expectativa, pois seu recolhimento, que deveria ser tambem daquela importancia, chegou apenas a Cr$ 3.500,00 (três mil e quinhentos cruzeiros).

PREMIADO O CE. DO ESTADO DO RIO

Pertencente ao 2.º grupo de emulação, o Comitê Estadual do Estado do Rio deu uma boa demonstração de capacidade de trabalho e compreensão da importancia politica da atual campanha de finanças para o IV Congresso, recolhendo ao CN cerca de cinquenta por cento da quota estabelecida para 15 de abril, ou seja, 7.000 cruzeiros.

A titulo de estimulo aos companheiros do Estado do Rio, A CLASSE OPERARIA fará entrega ao mesmo de uma coleção das obras escolhidas de Lenin, autografadas por Prestes, embora tenha atingido menos de 50% da quota para 15 de abril.

SERGIPE VENCE NO 4.º GRUPO

Concorrendo no quarto grupo com os CC.EE. de Alagoas, Mato Grosso e Santa Catarina, o CE de Sergipe foi vitorioso na primeira etapa da campanha de emulação, arrecadando a importancia total de Cr$ .... 4.000,00 e recolhendo ao CN Cr$ 2.030,00 (dois mil e trinta cruzeiros). Isto significa que o CE de Sergipe deu uma verdadeira virada nas suas atividades de finanças e marcha aceleradamente para cumprir sua quota total. O CE de Sergipe venceu, assim, os concorrentes do 4.º grupo.

A CLASSE OPERARIA lhe entregará o premio em disputa: uma coleção das Obras Escolhidas de Lenin, numa bela edição argentina, autografada pelo camarada Prestes.

O CT DO ACRE VENCE NO 7.º GRUPO

Os companheiros do Comitê Territorial do Acre comunicaram á direção nacional terem arrecadado até agora Cr$ 2.500,00, enviando ao CN um total de duzentos cruzeiros. A arrecadação dos companheiros do Acre representa 125% da cota total que lhes foi atribuida. Revela, sem duvida, um grande esforço dos camaradas daquele organismo do Partido e, mais do que isso, a confiança popular no Partido Comunista. E' animador o fato do CT do Acre ter ultrapassado sua cota completa mais de um mês antes do prazo final, fazendo jús, assim, ao premio estabelecido para esta primeira etapa. Isto não exclui, porém, os companheiros do Acre da campanha da emulação para o premio final, que estabeleceremos em data proxima.

O CE. DO RIO GRANDE DO NORTE A' FRENTE

Outro grande esforço demonstrado na atual campanha de emulação vamos encontrar no CE do Rio Grande do Norte, onde os companheiros vêm dando uma verdadeira virada em todo o seu trabalho. Recentemente noticiamos que o CE do Rio Grande do Norte havia reforçado consideravelmente o Partido naquele Estado, ultrapassando, em apenas 20 dias, sua cota de recrutamento para 3 meses. Como resultado desse magnifico trabalho de organização, temos agora suas atividades de arrecadação de finanças para o IV Congresso. Os companheiros do R. G. do Norte deveriam recolher, a 15 de abril, ao CN, a importancia de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros). Antes do prazo, recolheram Cr$ 700,00 (setecentos cruzeiros), conquistando assim o premio do 5.º grupo para 15 de abril: uma coleção de obras marxistas editadas pela "Vitoria". Devemos destacar que o CE do R. G. do Norte já cumpriu 70% de sua cota total,

(CONCLUI NA 4.ª PAG.)

Adquira uma coleção de selos do IV Congresso

IV CONGRESSO

BOLETIM DE DISCUSSÃO NUMERO 13

As primeiras vitórias da Campanha de Finanças em São Paulo

Já cobriram a sua cota o C.D. Belem e a Célula "18 de Setembro" — Os Municipais que estão na dianteira — Quem vencerá na emulação entre São Paulo e Distrito Federal? — Prosseguem com grande animação os trabalhos do IV Congresso

Desenvolve-se com entusiasmo crescente a campanha de finanças para o IV Congresso, em São Paulo. Realmente, as primeiras grandes iniciativas foram tomadas naquele Estado, como, aliás, já divulgamos. E' o caso do C. D. Belém, da capital paulista, com uma original rifa, cujo vencedor será aquele que melhor responder a uma série de cinco interessantes perguntas. E' o caso, também, de outro organismo, que está promovendo a rifa de um automovel e aproveitando o próprio carro, munido de alto-falantes, para fazer propaganda da rifa.

Iniciativas como essas vêm se repetindo e daí podermos prever a vitória da campanha de finanças para o IV Congresso em São Paulo. E' esta, ao mesmo tempo, uma esplêndida oportunidade para os camaradas paulistas superarem o Comitê Metropolitano, que foi o vencedor do primeiro grupo de emulação na campanha pró-imprensa popular.

OS PRIMEIROS VENCEDORES

O Comitê Distrital Belém, autor da rifa original que citamos acima, já está colhendo os melhores frutos do seu trabalho: — foi o primeiro distrital a atingir 100% da quota. Nada menos de Cr$ 60.000,00 arrecadou aquele organismo, até o dia 15 de abril.

A célula "18 de setembro", que compete no segundo grupo de emulação, também já cobriu a sua quota de Cr$ 20.000,00.

E' de notar, porém, que a maioria dos outros organismos da capital paulista se encontra ainda bastante atrazada, sendo poucos os que ultrapassaram 50% da quota. O Comitê Municipal de São Paulo, tendo, uma quota de Cr$ 500.000,00, cobriu até agora 101.469,60. Os êxitos do distrital Belém e da célula "18 de setembro", entretanto, demonstram as grandes e indiscutiveis possibilidades existentes na capital paulista, onde o Partido foi majoritário a 19 de janeiro, gozando de formidavel prestigio. Apelando para as grandes massas com entusiasmo e através dos mais inteligentes recursos, o Comitê Municipal de São Paulo rapidamente poderá ultrapassar a sua quota.

DISTRIBUIÇÃO DE PRÊMIOS

Realizou-se, no dia 15 de abril, a distribuição dos prêmios de emulação conferidos pelo comitês Estadual de São Paulo aos organismos vitoriosos na primeira arrecadação da campanha de finanças para o IVº Congresso.

Foram vencedores dos premios emulação pelo C. E. para a 1.ª arrecadação os seguintes organismos:

Comitê Municipal de Santo André — Premio 5 pastas Classificador, (Capa Dura) — Comitê Municipal de Chavantes — Premio — 1 Jogo de Artigos de Escritório — Comitê Municipal de Dois Corregos — Premio — 2 Livros para escrituração. Célula não Fundamental Ligada ao C. E. — o A. B. C. de Castro Alves Mareceram menção honrosa do Comitê Estadual, os Comitês Municipais de Atibaia e Limeira que, apesar de não terem ganho premios, porque os vencedores dos seus grupos nesta primeira emulação, enviaram suas quotas com mais antecedência, assim mesmo cobriram o total das suas quotas, fazendo ambos jús ao premio final a ser estabelecido pelo Comitê Estadual.

De acôrdo com o quadro de 15 de abril, é a seguinte a colocação dos municipais, conforme a percentagem atingida: Atibaia, Limeira, Chavantes, Santo André, Dois Corregos, São Paulo e Amparo.

PROPAGANDA ATRAVES DO "HOJE"

Na realização das diversas etapas do IV.º Congresso em São Paulo, é justo destacar a colaboração, que vem prestando o vespertino "Hoje", dedicando-lhe, diàriamente, quase uma página, com reportagens, fotografias e ilustrações.

O "Hoje" tem entrevistado vários antigos militantes do Partido e também dirigentes atuais dos organismos, divulgando sempre detalhes interessantes para o proletariado e o povo em geral sobre a vida do Partido.

AS CONFERENCIAS DISTRITAIS

Quase todos os distritais da capital paulista já realizaram as suas conferências. Os debates se desenvolveram com espirito critico, tendo sido analizadas as debilidades verificadas na última campanha eleitoral.

Dois problemas foram particularmente abordados nas intervenções. O primeiro desses problemas é o que se refere á ameaça do imperialismo ianque, cuja penetração vem infligindo sérios golpes á indústria nacional, trazendo mesmo a perspectiva de bancarrota. O outro problema debatido foi o da reforma agrária, que se torna cada vez mais urgente e para a qual a mensagem do presidente Dutra abriu perspectivas.

UMA EXPOSIÇÃO DA VIDA DO P.C.B.

Uma iniciativa tomada pelo Comitê Estadual foi a de organizar uma grande exposição da vida do P.C.B., reunindo para isso documentos, publicações, fotografias, etc., de seus 23 anos de ilegalidade e do seu periodo atual de legalidade. Da exposição constará também uma galeria de Herois do Partido Comunista.

E' essa uma iniciativa util, que poderá ser repetida em outros Estados.

A TODOS OS CC. EE., TT. E METROPOLITANO

Uma Circular do Secretariado Nacional sôbre a Campanha de Finanças para o IV Congresso

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1947.

Prezados companheiros.

Chamamos a atenção dêsse Comitê para a necessidade e a urgência de uma rápida e enérgica virada na Campanha de Finanças para o IV Congresso.

A Campanha lançada a 25 de março — há mais de 15 dias, portanto — ainda está se arrastando dentro do Partido sem o menor entusiasmo. Ao atraso da Campanha junta-se, aliás, a subestimação, pela maioria dos organismos, da fundamental tarefa de interessar a massa na realização do nosso magno conclave.

Tudo indica, pois, que os camaradas não estão compreendendo o imenso significado político da realização do Congresso, tanto para o nosso Partido, como para a própria causa da democracia em nossa terra e mesmo em todo o mundo, particularmente no Continente.

Urge, pois, que os camaradas reexaminem a sua posição, tratem de levar a realização do Congresso para as massas e lancem audaciosamente a Campanha de Finanças na rua. Superando qualquer tendencia a considerar que "a massa não suporte mais uma campanha", o que, no fundo, revela a falta de confiança na classe operária e no povo, que tem demonstrado, tantas vezes, a firme vontade de ajudar financeiramente a sua vanguarda.

Nesse sentido, chamamos a atenção dos camaradas para as duas circulares que já enviamos sôbre o assunto, a primeira sôbre o Plano Nacional e a segunda sôbre a necessidade de manterem-nos informados do desenvolvimento da Campanha e fazerem semanalmente as remessas das cotas devidas ao Comitê Nacional.

Chamamos ainda a atenção dos camaradas para a nossa recomendação sôbre a necessidade de, a exemplo do que estamos fazendo, procurarem controlar a execução das tarefas, estimulando os organismos, transmitindo-lhes as experiências mais interessantes, tudo fazendo, enfim, para o sucesso absoluto da Campanha de Finanças para o IV Congresso.

O SECRETARIADO NACIONAL

Finanças para o IV Congresso

Por Jaime CALADO
(Membro do Partido no Estado do Ceará)

O Comitê Nacional, logo após haver convocado o IV Congresso do Partido, enviou a todos os Comitês Estaduais seu Plano de Finanças para custear as despesas com o Congresso, despesas em que se destacam: estadia dos Delegados ao IV Congresso na Capital da Republica; aquisição do material para divulgação desse grande Conclave; compra de material de expediente, etc.

Nosso Comitê Estadual, imediatamente, através do seu Secretariado, desdobrou o Plano e, após fazer uma previsão de despesas com a Conferencia Estadual, como sejam: manutenção dos delegados á Conferência Estadual; passagens de ida e volta dos nossos Delegados ao IV Congresso, cota para o C. N., etc., enviou a todos os CC. MM. e Celulas ligadas diretamente ao C. E. o referido Plano. No entanto, até hoje, há um silencio tumular por parte dos nossos organismos inferiores sobre as cotas que lhes couberam. Não terão os nossos camaradas dirigentes desses organismos, compreendido a importancia das finanças para o IV Congresso?

Se é assim, a coisa é séria. Ora, camaradas: sem um movimento de finanças, movimento que repercuta profundamente no seio do povo e do proletariado, o nosso IV Congresso não terá o exito almejado.

Assim, companheiros, FINANÇAS PARA O I VCONGRESSO!

Seja esse o grito de todos os comunistas, grito que certamente encontrará êco no seio de todo o povo democrata do nosso querido Ceará, ao qual deve ser explicado o valor para todo o povo brasileiro do IV Congresso Nacional do Partido Comunista do Brasil.

Fortaleza, 10 de abril de 1947.

Diretor Responsavel:
Mauricio Grabois
Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257 - 17.º and.
Salas 1711 - 1712
Rio de Janeiro — Brasil — D. F.
ASSINATURAS:

Anual	Cr$	30,00
Semestral	Cr$	15,00
Número avulso	Cr$	0,50
Atrasado	Cr$	1,00

DEPOIMENTOS DE VELHOS MILITANTES

AS LUTAS SINDICAIS E A HISTÓRIA DO PCB

O anarco-sindicalismo na Bahia — A greve geral em 1919 — A "oposição" sindical em 1930 — As lutas do Movimento Nacional-Libertador — Rearticula-se o Partido com o trabalho da CNOP — Uma entrevista com o ★ camarada Francisco de Assis Coelho ★

Francisco de Assis Coelho é um velho militante, cuja vida está ligada a diversas campanhas do Partido a partir de 1931. Apesar de não ser mais um jovem, Francisco de Assis Coelho é ainda um membro ativo dentro das fileiras do Partido, um dos dirigentes da secção do Distrito Federal da celula "Falcão Paim", além de lider de prestigio entre os ferroviários da Central do Brasil. Prosseguindo na serie de depoimentos de velhos militantes, A CLASSE OPERARIA publica, agora, as suas declarações sobre fatos passados na historia do Partido.

O ANARCO-SINDICALISMO NA BAHIA

O camarada Coelho inicia a sua entrevista, contando acontecimentos da sua vida sindical:

— Em 1919, eu era operário da construção civil na Bahia. Cheguei mesmo a exercer os cargos de segundo secretario do trabalho da União dos Operarios em Construção Civil. Seguia, então, a orientação anarco-sindicalista, que predominava nos meios sindicais de tendencia revolucionaria. O anarco-sindicalismo, que não compreendia a importancia da luta politica, a necessidade de um partido independente da classe operaria, levaria, muitos setores das massas trabalhadoras a sucessivas derrotas. Mas isso eu só vim a compreender ano depois. O principal dirigente anarco-sindicalista, na Bahia, era Eustaquio Marinho, que, já em 1922, vinha a ser um dos primeiros membros do Partido Comunista.

Em 1919, tomei parte na greve geral, que se verificou na cidade do Salvador. Era a luta por oito horas de trabalho. Foi um grande movimento vitorioso, que refletia a agitação revolucionária dos primeiros anos após a guerra européia de 1914-1918. Uma das consequencias dessa greve dos trabalhadores Baianos, em cujo seio foi travada, pouco depois, uma luta entre os anarco-sindicalistas, que eram verdadeiros sectários, e os oportunistas, dirigidos por Agripino Nazaré.

Em 1920, a orientação anarco-sindicalista mostrou a sua debilidade, numa tentativa de greve-geral fracassada.

DA "OPOSIÇAO" SINDICAL A MILITANTE DO PARTIDO

O camarada Coelho prossegue:

— Em 1921, vim para o Rio. Até 1931 continuei anarco-sindicalista. O Partido aqui de maneira um pouco sectaria, naquela época, com relação aos anarco-sindicalistas, que sofriam acusações pesadas e, por isso, custavam a se aproximar do verdadeiro Partido da classe operária.

Em 1930, o Partido adotou a tática da "oposição" sindical. Em cada Sindicato se procurava criar uma fração comunista, que se opunha intransigentemente aos oportunistas, aos serviçais dos patrões. Eu não pertencia ainda á fração comunista, mas tinha uma atitude tambem de luta contra os oportunistas, no antigo Sindicato Unitivo dos Ferroviários da Central do Brasil. Daí foi crescendo o meu contacto com os membros do Partido. Em 1931, fui recrutado, tendo assinado ficha de inscrição.

AS LUTAS REVOLUCIONARIAS CONTRA O FASCISMO

O comarada Coelho fala, agora sobre o periodo de lutas, que culminou com a insurreição de 1935:

— Aquela época, como todos sabem, foi cheia de duras lutas contra o fascismo. O Partido estava na ilegalidade e sofria as perseguições da policia de Getulio Vargas e dos outros "tenentes" da Aliança Liberal. Fundou-se a Aliança Nacional Libertadora, que despertou enorme entusiasmo popular. Fui um dos organizadores da A. N. L. no meio dos ferroviários. Fizemos alguns comicios. Lembro-me, tambem, de uma conferencia realizada, na sede do nucleo aliancista ferroviário, pelo jornalista Aparicio Toreli, o "barão de Itararé".

Não tive, porém, participação nó movimento armado de 27 de novembro. Pouco antes, fui avisado pelo camarada Antonio Soares de Oliveira de que estava sendo procurado pela policia. Não tive, apesar do aviso, tempo para escapar. Passei 34 dias encarcerado. Embora houvesse, então, passado algum tempo desligado do Partido, continuei no movimento de reivindicações dos ferroviários. Assim é que, em 1937, tomei parte na campanha

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

INTERESSANDO A MASSA NOS TRABALHOS DO IV.º CONGRESSO

Levantamento de reivindicações nas Assembléias de Célula — Dobraram a quota de finanças os camaradas da Bahia — Os ★ Classops precisam entrar em ação ★

Os camaradas da Bahia vêm percorrendo as diversas etapas do IV Congresso, procurando interessar as massas mais amplas nos seus diversos atos. Assim é que, nas assembléias de célula, foram levantadas as mais sentidas reivindicações das empresas e bairros. Os debates tiveram, por isso mesmo, um carater prático, capaz de interessar os militantes menos politizados e fazer sentir, mesmo á massa mais atrasada, o carater patriótico e democrático do IV Congresso.

"O Momento" vem dedicando, diariamente, uma seção especial aos trabalhos do conclave, publicando entrevistas, reportagens de assembléias, etc.

Devemos, porém, constatar que nenhuma contribuição nos veio até agora, da Bahia, para o debate das "Normas Organicas" e das "Teses". E' necessário que os militantes sejam incentivados a dar a sua opinião por escrito, enviando-a á secretaria do Congresso, a fim de sentir toda a profundidade do processo democrático, em que se desenrolam os trabalhos.

CAMPANHA DOS DUZENTOS MIL CRUZEIROS

O Comité Estadual da Bahia recebeu a cota de cem mil cruzeiros, de acordo com o plano de emulação da campanha de finanças para o IV Congresso. Entretanto, o C. E. da Bahia terá tambem despesas a realizar com as conferências municipais e a conferência estadual, tendo decidido, por isso, dobrar a quota. A palavra de ordem, agora, na Bahia, é arrecadar duzentos mil cruzeiros.

O C. E. da Bahia superou brilhantemente a sua quota na campanha pro-imprensa popular. Esse antecedente favoravel e ainda o reforçamento de suas ligações com as massas, fazem prever nova vitória, na atual campanha de finanças. Prêmios diversos foram estabelecidos para os organismos vencedores nas apurações parciais.

Ao mesmo tempo, está sendo realizada a campanha pela regularização das finanças ordinárias.

Lembramos aqui, a necessidade dos classops enviarem a experiencia do trabalho de finanças dos seus organismos a A CLASSE OPERARIA, que é o órgão patrocinador da campanha de finanças para o IV Congresso.

Ao mesmo tempo, recordamos o desafio lançado pelo Comité Estadual do Estado do Rio, que na campanha pro-imprensa popular, levou alguns pontos de vantagem aos camaradas da Bahia.

DISCUTINDO COM A MASSA AS TESES PARA O IV CONGRESSO

Em Marcha Para o 4º. Congresso do P. C. B.

Grande acontecimento na historia da Democracia do Brasil, será a realisação do IV Congresso do Partido Comunista.

Neste Congresso será discutido com o Povo de todo o recanto do Brasil, o problema Nacional, como tambem, as reivindicações locais do proletariado e do Povo.

Para tal acontecimento a Célula 23 de Maio convida o proletariado desta emprêsa para participar dos debates, que obedece ao seguinte programa:

Dia 1- A's 19 horas, Comicio Sabatina em frente á Creche, com o deputado David Capistrano.

Dia 4 A's 18 hs. Reunião da Celula para estudo e debate das téses apresentadas.

Dia 5 A's 14 hs. Assembléia da Célula para a aprovação das resoluções.

Recife, 28 de Março de 1947.

O Secretáriado

EM MARCHA PARA O IV CONGRESSO — No "volante", cuja reprodução acima estampamos, está bem refletida a orientação dos camaradas de Recife em relação aos trabalhos do IV Congresso Nacional do PCB. A Célula "23 de Maio", de empresa, convidou a todos os companheiros de trabalho e o povo em geral para discutir as Teses, juntamente com as suas reivindicações locais, num comicio-sabatina, durante a própria Assembléia de Célula. Exemplos como êste devem ser imitados em todo o Brasil, inclusive em relação ás Conferências Distritais, Municipais e Estaduais. As experiencias de Pernambuco, nesse particular, têm demonstrado que, quando há um trabalho bem orientado junto á massa, ela acorre com entusiasmo ao chamamento do Partido, participa dos debates, educa-se, estreita seu contato com a sua vanguarda dirigente e dá o seu apoio financeiro com alegria e confiança, participando ativamente de todas as fases do Congresso e compreendendo o seu mais profundo significado

EM TORNO DA HISTÓRIA DO PARTIDO

III - A luta pela proletarização

Por LEÔNCIO BASBAUM

Os termos do artigo do camarada Mauricio Grabois sôbre algumas afirmações que fiz em artigo anterior, publicado no Boletim n.º 7, obrigam-me a voltar ao assunto, pois acredito que este debate pode, realmente, servir para o esclarecimento de certos fatos ligados á História do Partido.

Antes de mais nada, devo reconhecer a justeza de uma das observações: de fato eu deveria ter aproveitado a oportunidade para fazer minha auto-critica e referir-me á minha expulsão verificada na I Conferência do Partido em 1934. Não o fis por subestimar certamente a importancia do fato, por não haver compreendido que essa auto-critica só poderia ajudar o Partido e a mim mesmo.

Minha resposta por isso constará de duas partes, uma autobiográfica e auto-critica e outra de observações sobre a critica do camarada Mauricio.

AUTO-CRITICA

Sou, naturalmente, co-responsável pelos erros e desvios cometidos pela direção do Partido, sobretudo de 1927 a 1932, anos durante os quais, com pequenos intervalos, pertenci á essa direção. Sou igualmente co-responsável pelo errôneo encaminhamento do problema da proletarização do Partido, cuja real significação não compreendia.

Jovem estudante, vindo da pequena-burguesia, sem nenhum contacto prévio com a massa operária e, muito cedo, com apenas 19 anos, elevado a membro do Comitê Central, era eu incapaz de compreender o verdadeiro papel do Partido, como Partido do Proletariado.

Meus primeiros contactos com o movimento politico nacional e com o Partido, datam de 1925 aos 17 anos — quando ainda marchava através do interior do país a invicta Coluna Prestes que, dada a minha inexperiência e fraco desenvolvimento teórico, representava o melhor, sinão o único caminho para a solução dos problemas brasileiros.

Ao ingressar no Partido, em 1926, era a bagagem que levava comigo: a educação pequeno-burguesa e a admiração pela Coluna Prestes.

Por isso mesmo defendi aquela tese quando o C. C. resolveu, em 1927, mandar o camarada Astrojildo falar com Prestes que se achava então internado na Bolívia. Tambem defendi a mesma tése pela qual o Partido se colocava a reboque da pequena-burguesia, aguardando a "terceira revolta", no III Congresso em 1928-29, que me elegeu para o Bureau Politico do Partido (hoje Comissão Executiva).

Essa mesma teoria nos levou em 1929 e 30 a conspirar com vários grupos tenentistas, conspirações nas quais tomei parte saliente como membro de um "Comitê Militar Revolucionário" criado pelo Bureau Politico. Essa resolução foi tomada após a entrevista que tive com Prestes em Buenos Aires.

Temiamos ser "apanhados de surpresa" por um golpe militar. Já então compreendiamos que nada se resolveria por meio de golpes. Desejávamos uma "Revolução Popular" dirigida pela pequena-burguesia e negociavamos o nosso apoio em troca de "armas para o proletariado". Nossos documentos estavam cheios de frases como essa — "marchar paralelamente, mas separadamente". Na verdade, porém, marchavamos a reboque, á espera da "terceira revolta". Isso tudo era consequência da nossa incompreensão, ainda naquela época, do conteúdo real da "Revolução Democrático-Burguesa" e do papel do proletariado e do seu Partido.

Eram membros do B. P. naquela época (1929), Paulo Lacerda, Grazini, Cristiano Cordeiro — hoje expulso do Partido (substituindo Astrojildo que se achava em viagem) — outro companheiro cujo nome não recordo e eu. Posteriormente foram incluidos, em substituição, Casini e Fernando Lacerda.

Ainda de acordo com a mesma teoria, fui designado em junho de 29, naturalmente de acordo com meus próprios pontos de vista, para conferenciar com Prestes a fim de lhe propôr que aceitasse sua candidatura á Presidencia da República, nas eleições do ano seguinte, na base de um programa cujas bases essenciais eram as seguintes:

— Nacionalização e Distribuição das terras. Nacionalização das emprêsas imperialistas.

— Cancelamento das dividas externas.

— Lei de 8 horas e demais leis protetoras dos trabalhadores.

Segundo me recordo, faltava a esse programa a questão da legalidade do Partido Comunista, o que revela como subestimavamos a importancia do Partido.

O programa era demasiado esquerdista mesmo para a época, conforme acredito agora. Faltavam determinadas condições objetivas para tais palavras de ordem. O problema imperialista não era bem compreendido pela massa, estavamos completamente desligados da massa camponesa e o Partido tir pouco mais de 5 mil membros, a metade dos quais no Distrito Federal. Esse programa, bem como o convite que fizemos, não foi aceito por Prestes que alegava, si não me engano, compromissos com seus antigos companheiros, que se opunham a isso.

Em principios de 1930, com a volta de Astrojildo, começamos a encarar o problema da proletarização. Esse problema não era novo. Compreendiamos a necessidade de uma ligação com a classe operária, embora pouco ou quase nada fizessemos para essa ligação. O Bloco Operário e Camponês, fundado com essa intenção, transformou-se numa simples mascara legal do Partido. A absoluta maioria de membros do Partido era constituida de operários embora a Direção fosse em grande parte de intelectuais. Alguns desses, principalmente o camarada Fernando Lacerda, acreditavam proletarizar-se só com o fato de se vestir como operários.

A primeira medida posta em prática foi modificar a composição do B. P. com acordo geral, inclusive o meu. Eu e Paulo Lacerda saimos para dar lugar a dois operários. Está claro que essa "proletarização" em nada ajudava o Partido, mas foi o que nos pareceu justo, inclusive a mim.

Nessa ocasião era eu ainda Secretario Geral da Juventude Comunista, da qual fui o fundador em 1927 e o primeiro Secretário Geral até 1930. Deixei o cargo para ser Secretário de Organização do Partido. Como Secretário Geral da Juventude minha atividade refletia naturalmente todas as debilidades do Partido. E' preciso constatar, entretanto, que apesar de todo o seu sectarismo a Juventude exerceu algum trabalho de massa, tal como o Centro de Jovens Proletários que, ao ser fechado pela policia, ao fim de alguns meses de atividade, chegou a ter cerca de 300 associados. Tambem fundou com êxito o "Jovem Proletário", jornal que chegou a tirar 3 mil exemplares em 1929.

Em agosto de 1930, depois de uma reunião do CC. ampliado, conforme fui informado posteriormente, — pois na ocasião me encontrava na Bahia — a antiga direção fôra destituida e os camaradas Astrojildo e Paulo Lacerda enviados para São Paulo. Tambem eu fui excluido. Era mais uma tentativa de proletarização do Partido.

(CONCLUI NA 6.ª PAG.)

Fundamentos econômicos da Revolução Brasileira

Por CAIO PRADO JUNIOR
(Membro do P. C. B. e Deputado Estadual por São Paulo)

Quando Marx e Engels elaboraram sua doutrina de interpretação histórica, encontrava-se a Europa em franca transição para o regime burguês. O capitalismo se desenvolvia aceleradamente, e as revoluções européias, a começar pela de 1789 e culminando com as de 1848 (de que participou ativamente o próprio Marx), implantavam nos diferentes países da Europa, regimes politicos e sociais compatíveis com as novas formas econômicas do capitalismo. Mas ao contrário dos revolucionários burgueses que viam na revolução democrática e liberal em curso o termo final da evolução histórica dos povos e países europeus, Marx interpretou-a como simples momento num processo que se prolongaria até desembocar no socialismo. Do capitalismo e seu desenvolvimento tinha surgido uma nova ordem de contradições, ignorada pelos teóricos burgueses, e que em substituição á anterior oposição da nobreza e burguesia, senhores e servos, gerára a de capitalistas e assalariados. Era agora a vez do proletariado, a nova classe formada nas entranhas do capitalismo, de assumir a vanguarda da evolução histórica e realizar o seguinte passo na marcha dos acontecimentos: a revolução socialista.

Coube a Lenin, o maior dos discipulos e o grande continuador dos fundadores do marxismo, elaborar em todos seus pormenores a teoria da revolução socialista, cujos primeiros passos êle próprio dirigiria em seu país natal, a Rússia. Lenin retoma a obra teórica encetada por Marx e Engels no momento em que o regime capitalista entrava em nova fase, a sua fase final que Marx não conhecera e não previra: a etapa do capital financeiro e imperialista. Além disto, dedicando-se sobretudo a seu país que se encontrava em grande atraso econômico, social e politico relativamente aos demais países da Europa, e ainda em regime nitidamente feudal, Lenin teve necessidade de apreciar de um só golpe as sucessivas etapas de desenvolvimento histórico desde o feudalismo até o socialismo, através das revoluções democrático-burguesa e socialista. E elaborou então sua admirável teoria da hegemonia do proletariado na revolução democrática (hegemonia esta que em outros países da Europa coubera á burguesia), e da transformação dela em revolução socialista.

As circunstancias históricas em que Lenin se encontrou deram-lhe assim a possibilidade (que seu gênio soube admiravelmente aproveitar) de completar a análise e interpretação em conjunto e em síntese deste grande ciclo de transformação histórica da civilização européia, que Marx estudára apenas em seus traços mais largos: a transição da sociedade feudal, através do capitalismo, para a sociedade socialista do futuro.

Observa-se assim que tanto Marx e Engels, como seu continuador Lenin, ao analisarem e interpretarem a formação e desenvolvimento do regime capitalista e burguês saído da sociedade feudal e desembocando no socialismo, tinham em vista especificamente os países e povos da Europa em cujos acontecimentos aliás intervieram diretas e ativamente. Não poderia ser aliás outra a posição de pensadores que além de teóricos e criadores de uma nova filosofia e método de interpretação histórica, eram tambem homens de ação e politicos militantes. E assim, a maior parte da obra de Marx e Engels e sobretudo de Lenin, tem um conteúdo essencialmente prático, e joga com elementos, circunstancias e problemas que representavam a própria experiência histórica de que participavam. Reside nisto, aliás, o significado profundo do marxismo, que unindo indissoluvelmente teoria e prática, apresenta uma elaboração teórica permanente da própria história em curso e em seu desenvolvimento dialético.

Este caráter do marxismo não foi e não é sempre assimilado perfeitamente. Apegando-se estreitamente aos textos de Marx, Engels e Lenin, muitos comunistas não sabem interpretá-los á luz de circunstancias históricas e de lugar diferentes daqueles que deram origem ás conclusões dos mestres do marxismo, e procuram artificialmente e á custa de graves deformações, encaixar os fatos que têm sob as vistas dentro dos esquemas que encontram nas [illegible] do materialismo dialético, [illegible] que tais esquemas foram [illegible] para fatos muito diferentes. Isto ocorre particularmente em países como o Brasil, de formação histórica muito diversa da dos países europeus que foram aqueles de que fundamentalmente se ocuparam os criadores do marxismo. A preocupação em descobrir paralelos e semelhanças (quando não identidades que não existem) leva então a deformações grosseiras e mesmo a deturpações completas.

A verdade desta observação é patente na forma pela qual se coloca em geral entre nós a questão da revolução democrático-burguesa. Referimos acima que o conteúdo essencial da obra histórica de Marx, Engels e Lenin consistiu na análise e interpretação da evolução sofrida pelos países e povos europeus desde o feudalismo até o declinio e destruição da sociedade burguesa e capitalista pela irrupção do socialismo. Nesse processo de transformação, a revolução democrático-burguesa representa a transição da sociedade feudal para a ordem burguesa. A sua conceituação e definição depende assim obviamente de ambos os termos ou momentos históricos a que serve de elemento de transição: tanto o anterior, que é o feudalismo, como o posterior, que é a sociedade burguesa. Noutras palavras, a revolução democrático-burguesa, como a definiram e conceituaram os fundadores do marxismo, pressupõe um regime feudal de onde se origina e que através dela se transforma no regime burguês.

Ocorre isto no Brasil? Encontramo-nos jamais num regime de natureza feudal? Como forma de retórica, e se temos apenas em vista dar um rotulo qualquer, sintetizar numa palavra o atraso e o baixo nivel econômico e social em que se acha o Brasil, a expressão "feudalismo" poderia servir, como outro qualquer. Mas não é isso evidentemente que se quer. A precisão dos termos empregados, sobretudo quando se referem a questões de importancia fundamental, é essencial em qualquer exposição cientifica. Não há assim justificativa para a utilização de uma expressão como "feudalismo", que comporta um sentido muito preciso, e que se refere a um tipo especifico de organização social que existia na Europa antes do advento do capitalismo e da sociedade burguesa; e que não existe, nem existiu nunca no Brasil.

Para não entrarmos em pormenores que sobrecarregariam aqui o assunto e exigiriam uma discussão descabida sobre o significado, bastante conhecido, do feudalismo, bastará lembrar que a economia brasileira, desde seu inicio (isto é, desde que se organizou a colonização no Brasil) foi essencialmente mercantil, isto é, fundada na produção para o mercado; o que é mais, para o mercado internacional. E é este traço que precisamente caracteriza a economia colonial brasileira. E' o reverso portanto do que ocorre na economia feudal, cuja decadencia e desintegração começam justamente quando nela se insinua o comercio, precursor do futuro capitalismo.

Isto já é suficiente para diferençar desde logo a economia brasileira do feudalismo. A análise feita adiante completará esta observação. E não são similitudes aparentes e superficiais que farão confundir certos elementos retrogados e primitivos da economia brasileira com "relações feudais de produção". Esta confusão é tanto mais grave que ela pode levar, e já levou muitas vezes a conclusões falsas e deformações completas na apreciação dos fatos da nossa história e da nossa economia. Está no caso a citada questão da revolução democrática-burguesa, que no sentido que lhe foi dado pelos fundadores do marxismo, e que é o único possivel, não tem cabimento na evolução histórica do Brasil.

O que caracteriza o Brasil desde o inicio de sua formação é que nele se constituiu uma organização econômica destinada a abastecer com seus produtos o comércio internacional. E' este o caráter inicial e geral da economia brasileira que se perpetuaria, com pequenas variantes, at nossos dias. Precisamos notá-lo com muita atenção, porque daí derivam os elementos fundamentais da estrutura econômica e social do país. Se vamos á essencia da nossa formação, veremos que na realidade nos constituimos para fornecer alguns gêneros alimenticios e materias primas aos mercados mundiais. Nada mais que isto. E é com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daqueles mercados, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura social bem como as atividades do país.

Os traços principais e fundamentais desta economia colonial em que se organizou o Brasil, são a grande propriedade monocultural, explorada em larga escala (em oposição á pequena exploração camponesa), e o trabalho escravo de indigenas e africanos importados pelo tráfico. Não existe aí nada que seja feudal. Se quisessemos estabelecer um paralelo com a economia colonial brasileira, deveriamos ir buscá-lo no mundo antigo; é o que fez o proprio Marx, comparando nosso tipo de exploração agrária ("o sistema de plantação", como é designado), com as explorações agricolas de Cartago e Roma (O Capital, Liv. III Cap. XLVII).

Não é assim uma economia feudal, nem "relações feudais de produção" que representam a primeira etapa da evolução historica brasileira. E' uma organização econômica que poderiamos designar por "colonial", caracterizada pela produção de gêneros alimentares e materias primas destinados ao comercio internacional, e fundada (em seu setor agricola que é o principal) no sistema de plantação, isto é, num tipo de exploração em larga escala que emprega o trabalho escravo. A substituição posterior do trabalho escravo pelo trabalho juridicamente livre (mas submetido de fato a um sem número de restrições) introduziu naquele sistema um poderoso fator de desagragação que o comprometerá definitivamente. Mas não modificou fundamentalmente, desde logo, os quadros essenciais de estrutura agraria vigente. E é precisamente aquela contradição introduzida no funcionamento primitivo do sistema agrario pela libertação do trabalho, que constituirá o fator máximo de transformação econômica e social ora em curso e que devemos revolucionariamente levar a seu termo.

Precisamos ainda considerar outro elemento que no último quartel do século passado contribuiu para modificar o sistema econômico herdado da colonia. Refiro-me á penetração do capital financeiro internacional que colocaria a economia brasileira numa situação ainda maior de dependencia que a anterior com relação a interesses estranhos. Essa penetração do capital financeiro foi aliás em grande parte condicionada pelas proprias circunstancias da nossa economia colonial, já por natureza em ligação intima e dependencia estreita do comercio internacional em que funcionava, como vimos, na qualidade de simples e subordinado fornecedor de gêneros alimentares e materias primas. Tornava-se assim a economia brasileira altamente vulneravel á penetração imperialista quando o capitalismo das grandes potências do mundo moderno chega a essa fase de desenvolvimento. O Brasil se fará então imediatamente, e como que automaticamente, sem resistencia alguma, em facil campo para suas operações.

O imperialismo agravará consideravelmente os lados negativos do colonialismo brasileiro criando novos laços que tendem a perpetuar as condições de subordinação e dependencia da nossa economia. Mas no lado disto, encontramos, no imperialismo um lastro positivo. Ele representa sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do país. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido como é o do capitalismo contemporaneo, realiza necessariamente nela muitos dos seus progressos. O aparelhamento moderno de base com que conta a economia brasileira é quase todo ele fruto do capital financeiro internacional. E não é apenas sua contribuição material que conta: com ela vêm o espírito de iniciativa, os padrões, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos, que trazem assim para o Brasil alguns dos fatores essenciais com que contamos para o nosso progresso econômico.

O imperialismo contribui assim poderosamente para integrar o Brasil numa nova ordem econômica superior que é a do mundo moderno. Mas este ajustamento se processou sem modificação substancial do caráter fundamental da economia colonial do país; isto é, a produção precipua de gêneros destinados ao comercio exterior. Aquela nova ordem contribuiu mesmo, sob certa forma, para reforçá-lo e o consolidar. Tocamos aí a segunda contradição fundamental em que se encontra engajada a evolução brasileira: uma economia primitiva e débil, solicitada por uma ordem altamente desenvolvida que é a do mundo moderno. Verifica-se então plenamente a exiguidade da base econômica em que assenta a vida brasileira. Torna-se patente a incompatibilidade substancial entre o novo ritmo de existencia e progresso material atingido pelo país, e sua modesta categoria de mero produtor de um punhado de materias primas destinadas ao comercio internacional. Sobre esta base estreita não era possivel manter uma estrutura econômica e social imposta pelas novas condições do mundo de que o Brasil passara plenamente a participar.

Isto se percebe imediatamente quando observamos o problema que consiste em sustentar o ritmo de desenvolvimento adquirido pelo país com a produção exclusiva de uns poucos gêneros que embora de grande expressão comercial, se mostrarão desde logo de todo insuficientes para a função que deles se exigia. E' o que ocorreu, num periodo relativamente próximo, com a larga extensão da cultura cafeeira que deu cedo em crises periódicas e logo crônicas de superprodução e desvalorização do produto. Isto sem contar o desgaste continuo e precipitado dos recursos naturais num regime de exploração extensiva e descuidada que é o corolario fatal do nosso sistema agrario. Outras atividades brasileiras alcançam logo tambem seu limite de expansão (como foi o caso do cacau), ou então recuaram mesmo em termos absolutos, como se deu com a borracha. Fizeram-se novas tentativas para substituir aquelas produções decadentes. A do algodão é o exemplo máximo. Mas o resultado será sempre mediocre, ou de perspectivas acanhadas.

Estes fatos comprovam que não é mais possivel manter-se a economia brasileira, e alimentar a vida do país, dentro de seu antigo sistema produtivo tradicional. Para promover o progresso do país e de suas forças produtivas, mesmo para simplesmente conservar o nivel atingido, tal sistema era evidentemente insuficiente. Apresenta-se então a perspectiva da estagnação e decadencia; e é o que efetivamente ocorreu na maior parte do país. Entre outros, o exemplo da região amazônica é caracteristico; mas está longe de ser o único. Com poucas exceções, a maior parte do territorio brasileiro encontra-se hoje econômicamente estagnado, senão em regresso. Mas em outros setores (e estes ampararão e em certa medida arrastarão o resto), graças a circunstancias particulares e muito especiais, desenvolver-se-ão novas formas econômicas que embora de segunda ordem no conjunto, e á margem do sistema produtivo fundamental do país, conseguirão manter a vida brasileira.

Tais formas representam os primeiros passos de uma economia propriamente nacional, voltada para dentro do país e as necessidades proprias da população que o habita; uma organização destinada a mobilizar e coordenar os recursos e o trabalho do país em função precipua da existencia dos individuos e da comunidade nela enquadrada; e não servir em primeiro lugar interesses estranhos. Não era isto que ocorria no Brasil, e nunca fôra desde os primórdios de sua formação.

E' esse hoje o único rumo que se abre para a evolução do país em conjunto. Isto é, refazer-se sobre novas bases, deixar de ser um simples fornecedor do comercio e dos mercados internacionais, e tornar-se efetivamente o que deve ser uma economia nacional: um sistema organizado de produção e distribuição dos recursos do país para a satisfação das necessidades de sua população.

Romper definitivamente com um longo passado colonial, e tornar-se função da propria comunidade brasileira, e não de interesses e necessidades alheias. Essa evolução encontra-se como vimos, em andamento. Mas forças poderosas ainda contêm o seu ritmo: não somente os interesses fundados na ordem atual, mas a inércia de toda a parte mais importante e substancial da estrutura e da organização econômica do país que se constituiu em função de uma finalidade, e é agora solicitada por outra. Uma análise atenta da atual organização econômica do país nos mostra que tudo nela, desde a distribuição da população, a estrutura agraria, a disposição dos centros urbanos, os transportes, até o aparelhamento comercial e financeiro, está disposto sobretudo para atender ao objetivo que até hoje a ela se impôs: a produção de gêneros exportaveis. E isto sem contar os fatores sociais e políticos que agem no mesmo sentido. Não podia ser de outra forma depois de quatro séculos de hegemonia de tal sistema econômico que somente agora entra em sua fase definitiva de desagregação.

Doutro lado, a transformação parcial que apesar de tudo se operou, faz-se muitas vezes defeituosa, frequentemente apenas como expediente oportunista frente a embaraços de momento iam surgindo. Exemplo flagrante disso encontramos no caso da indústria manufatureira. Nunca foi possivel uma politica deliberada e racionalmente protecionista que ao mesmo tempo fomentasse, e orientasse o desenvolvimento industrial do país. Ao contrario, a indústria brasileira cresceu ao acaso de tarifas alfandegarias ditadas muito mais por necessidades do Tesouro público que pelo objetivo conciente de estimular empreendimentos nascentes capazes de vingarem e se manterem no futuro com suas proprias forças; ao acaso tambem das depreciações cambiais, bem como de conjunturas completamente estranhas, como foi o caso nas duas grandes guerras que atravessamos neste último quarto de século. Resultou daí esta indústria precaria e incompleta que possuimos, mal aparelhada e onerosa para o país, que representa com sua produção cara e de qualidade mediócre um pesado tributo imposto ao consumidor nacional.

Exemplos como esse são muitos. A transformação que se processa na economia brasileira exige para completar-se e chegar a bom termo, reformas profundas e já hoje inadiaveis frente á grave crise estrutural que ameaça a propria vitalidade do país, e particularmente a subsistencia mesmo da massa de sua população.

A natureza desta reforma é indicada pelas contradições em nossa economia que assinalei acima e que constituem

(CONCLUI NA 6ª PAG.)

Vencedores na...

CONCLUSÃO DA PAG. 7

estando assim magnificamente habilitado a ganhar o premio final.

MINAS COMEÇA A TRABALHAR

Participante do 2.º Grupo, derrotado embora pelo CE do Estado do Rio, o CE de Minas Gerais começa uma virada em sua atividade de finanças, recolhendo Cr$ 5.000.00 (cinco mil cruzeiros) ao Comitê Nacional. Esperamos que os companheiros de Minas, cujo ritmo de trabalho financeiro parece estar sendo acelerado agora, continuem ativos para atingirem vitoriosos a meta final da campanha.

UMA CELULA QUE TRABALHA DE FATO

Tratando-se embora de um simples organismo de base, devemos consignar nesta informação o trabalho de finanças da Célula das empresas do CN, que já recolheu ao CN Cr$ 1.500.00 (mil e quinhentos cruzeiros). O camarada José Barros é recordista da campanha de finanças da Célula, vendendo sozinho cerca de mil cruzeiros de selos do IV Congresso, isto é, mais do que todos os outros membros da Célula juntos.

VALIOSA OFERTA DE PORTINARI

O grande pintor brasileiro Candido Portinari acaba de da uma valiosa contribuição á campanha de finanças do IV Congresso, oferecendo ao CN uma coleção de 21 gravuras suas que devem ser vendidas brevemente. Trata-se de trabalhos raros, a que Portinari não se dedica mais, pois se trata de uma fase de sua vasta obra. Os originais dessas gravuras "ponta seca" se encontram em museus da Europa e E. Unidos. Não há duvida que o conhecido artista patricio concorreu com uma boa parcela para a campanha de finanças do IV Congresso, ajudando o Partido e leva-la vitoriosamente até o fim.

SÊLOS DO IV CONGRESSO

O Comitê Nacional do P. C. B. lançou uma série de sêlos comemorativos do IV.º Congresso, que, pela sua significação histórica e confecção artistica, vêm despertando grande interesse.

Sobre os Congressos do Partido Bolchevique

RAIMUNDO SCHAUN
(Da Célula "Ferreira da Silva" — Salvador - Bahia

Quero falar hoje sobre um material saido no Boletim de Discussão n.º 9 (A CLASSE OPERARIA, n.º 62, de 6-4-47). Trata-se de "Os Congressos do Partido Bolchevique que forjaram a unidade do proletariado russo". E', como diz o subtitulo, um resumo dos seis primeiros congressos do PC (b) da URSS. Mesmo como resumo está falho, porque, nos seus pontos mais importantes deixa de lado o fundamental. Refiro-me ao resumo do Terceiro Songresso. A análise do III Congresso do P. O. S. D. R. tem grande importancia no momento e entretanto é a esse Congresso que o resumo dá menos atenção, relatando apenas os seus preparativos, os passos dados e a luta travada pela sua convocação, sem analizar o Congresso em si, sem falar em suas resoluções bolcheviques em contraposição com as resoluções mencheviques da Conferência de Genebra, sem falar nos "dois Congressos, dois partidos" o que a meu ver é o fundamental para um resumo do III Congresso. São fatos e análises necessários, rica experiencia para a compreensão do problema da hegemonia do proletariado na revolução democratico-burguêsa e da nossa linha estrategica, tão bem apresentados nas Teses 64 e 65.

Ao ler "Duas Táticas..." senti a necessidade de melhor estudar o III Congresso, precedente a essa obra de Lenin, tão importante para enriquecer a compreensão de nossa linha politica e para auxiliar a análise da conduta do nosso Partido.

Creio, de importancia neste momento de capacitação intensiva para o IV Congresso, que o Boletim deve comentar "Duas Táticas..." quando terá oportunidade de falar melhor sobre o III Congresso do P. O. S. D. R., superando a debilidade do Boletim n.º 9.

O Partido Bolchevique em marcha para a construção do socialismo

O X Congresso do Partido, iniciado em 8 de março de 1921. com 694 delegados representando 732 521 membros e 296 delegados com palavra, porem sem voto. fez o balanço da discussão sobre os sindicatos na qual Trotski e seu grupo preconizavam o metodo de coação pura e simples, sem admitir ponderações. a respeito das organizações sindicais. querendo transformá-las em organizações de tipo militar e instrumentos de desunião da classe operaria. Trotski era contrario ao desenvolvimento da democracia dentro dos sindicatos e á provisão dos cargos sindicais por eleições". Lenin e os leninistas sustentaram, em sua plataforma, que os sindicatos eram uma escola de governo. uma escola de administração economica e uma escola de comunismo. dentro do poder sovietico. Os sindicatos deviam organizar todo o trabalho na base do metodo de persuasão. Só assim poderiam levantar. diz a "Historia do Partido", todos os operarios para a luta pela reconstrução nacional e conseguiriam interessa-los pela obra da edificação socialista. O Congresso aprovou a plataforma leninista. O X Congresso aprofundou o problema da unidade do Partido e condenou todos os grupos de "oposição", destacando que estes "de fato. ajudam os inimigos de classe da revolução proletaria" O Congresso ordenou a imediata dissolução de todos os grupos divisionistas e encarregou todas as organizações para que velassem rigorosamente pela execução dessa medida. O Congresso chamou a atenção de todos os membros do Partido para o fato de que a unidade e a coesão dentro de suas fileiras, a unidade de vontade da vanguarda do proletariado era necessaria num momento como aquele em que se celebrava o X Congresso. Mostrou o perigo do divisionismo a serviço dos inimigos da classe operaria e do povo e o perigo dos desvios e tendencias estranhas ao proletariado. que ainda se manifestavam dentro do Partido.

O X Congresso tomou a importantissima resolução de passar do sistema da cotização ao do imposto em especie. de passar a "nova politica economica". (NEP). Esta mudança do comunismo de guerra, explica a Historia do Partido. para a "nova politica economica" revela toda a sabedoria e a profundidade de visão da politica leninista. Essa resolução assegurou uma solida aliança economica entre a classe operaria e os camponeses na edificação do socialismo. Outra resolução importante foi a referente ao problema nacional. Stalin que fez o informe a respeito, acentuou: "Acabamos com a opressão nacional. porem isto não basta. O problema consiste acabar com a pesada herança do passado, com o atrazo economico. politico e cultural dos antigos povos oprimidos. E' necessario ajuda-los a se colocarem ao nivel da Russia Central". O Congresso condenou os desvios do nacionalismo chouvinista grão-russo absorvente e o nacionalismo regionalista. nos paises do antigo Imperio Czarista. como perniciosos para o comunismo e para o internacionalismo proletario. E diz a Historia do Partido :"Ao mesmo tempo. porem. dirigiu seus ataques. principalmente. já que representava o perigo fundamental, contra o chovinismo grão-russo. isto é. contra os vestigios e as sobrevivencias da atitude que os chovinistas grão-russos adotavam ante as nacionlaidades não russas, no tempo do czarismo".

No proximo numero continuamos neste sintese historica sobre os congressos do Partido Comunista bolchevique da URSS de tamanha importancia para o estudo da historia da construção do socialismo e para assinalar a importancia de cada Congresso na historia do partido do proletariado e em prol da democracia e do progresso.

O X.º, XI.º E XII.º CONGRESSOS — A NOVA POLÍTICA ECONÔMICA, A LUTA CONTRA O GRUPO TROTSKISTA-BUKARINISTA, A ALIANÇA ENTRE OPERARIOS E CAMPONESES, A SOLUÇÃO DO PROBLEMA NACIONAL

Em março de 1922, reuniu-se o XI Congresso do Partido Bolchevique. 522 delegados com direito de palavra e voto. representando 532.000 filiados, isto é. menos que no Congresso anterior. Compareceram 165 delegados com direito de palavra. porém sem voto. A diminuição da cifra dos filiados. esclarece a Historia do Partido, se explica pela depuração das fileiras do Partido. que já tinha começado.

Nesse Congresso foi feito o balanço do primeiro ano da "Nova Política Econômica". Diante dos resultados obtidos Lenin declarou perante o Congresso: "Durante um ano, retrocedemos. Agora. devemos declarar em nome do Partido: Basta. O objetivo que perseguiamos com o nosso recuo foi alcançado. Este período chega ao seu fim ou já finalisou. Agora. passa ao primeiro plano outro objetivo: reagrupar as forças."

Lenin salientou que a NEP (Nova Politica Economica) era uma luta desesperada entre o capitalismo e o socialismo. — "Para vencer. era necessário assegurar os laços entre a classe operária e os camponeses, entre a indústria socialista e a economia camponesa. desenvolvendo por todos os meios o intercambio de mercadorias entre a cidade e o campo. Para isto era preciso aprender a administrar. era preciso aprender a comerciar de um modo inteligente."

O ELO FUNDAMENTAL

A "História do Partido" acentua: "Neste período (período em que reuniu o XI Congresso) o élo fundamental da cadeia de tarefas que se apresentavam ao Partido era o comércio. Sem resolver êste problema, era impossivel desenvolver o intercambio de mercadorias entre a cidade e o campo, era impossivel fortalecer a aliança econômica entre os operários e os camponeses. era impossivel levantar a economia rural e tirar do marasmo a indústria. "O problema da organização de um comércio de Estado e de um comércio cooperativo adquiria decisiva importancia. Depois do XI Congresso o trabalho de tipo econômico adquiriu enorme impulso. Foram liquidadas com êxito as consequências acarretadas pela má colheita. A economia camponesa ia-se refazendo rapidamente. Melhorava o funcionamento das estradas de ferro. Aumentava sem cessar o número de fábricas e empresas industriais.

O XII CONGRESSO

Em abril de 1923. teve lugar o XII Congresso do Partido. Era o primeiro Congresso que se reunia. depois da tomada do poder pelos bolcheviques. sem a presença pessoal de Lenin. Participaram 408 delegados com direito de palavra e voto, representando 386.000 membros. isto é. menos que no Congresso anterior. Era o resultado da persistente depuração das fileiras do Partido. Tomaram parte também 417 delegados com palavra, porém sem voto. O Congresso assinalava uma vitória decisiva para os Soviets." Em outubro de de 1922. o Exército Vermelho e os guerrilheiros do Extremo Oriente limparam a cidade de Viladivostok dos intervencionistas japoneses. que era o único setor do território soviético ocupado ainda pelos invasores."

A LUTA CONTRA TROTZKY, BUKARIN E OUTROS

Nas resoluções tomadas pelo XII Congresso foram levadas na devida conta todas as indicações feitas por Lenin nos seus últimos artigos e cartas — diz a "História do Partido". O Congresso combateu energicamente todos os que interpretavam a NEP como um abandono das posições socialistas. O Congresso lutou contra Trotzky. Radek e Krasin, que se propunham entregar aos capitalistas estrangeiros, a título de concessões. os ramos industriais de interesse vital para o Estado Soviético. Propunham pagar as dividas do govêrno czarista. anuladas pela Revolução de Outubro. O Partido considerou essas propostas como traidoras. Não renunciava a empregar a politica de concessões, porém só naqueles ramos e dentro daqueles limites que se tornassem vantajosos para o Estado Soviético. Diz a "História do Partido": "Antes do Congresso. Bukarin e Sokolnikov tinham proposto pôr fim ao monopólio do comércio exterior. Lenin estigmatizou então Bukarin como defensor dos especuladores. dos "nepman" dos "kulaks." O XII Congresso rechaçou decididamente o atentado que se queria perpetrar contra a intangibilidade do monopólio do comércio exterior, tão importante para a construção do socialismo.

O Congresso combateu também a tentativa de Trotzky de impôr ao Partido uma política funesta em relação aos camponeses. O Congresso salientou que o desenvolvimento da indústria, incluindo a indústria pesada. não se devia chocar com os interesses das massas camponesas, porém se harmonizar com elas, no interesse de tôda a população trabalhadora.

Essas resoluções eram um golpe de morte nas tentativas de Trotzky, que preconizava a edificação da indústria por meio da exploração dos camponeses. e que não reconhecia. de fato. a aliança entre o proletariado e os camponeses. Trotzky propunha também o fechamento de grandes fábricas que interessavam á defesa do país. porém que, segundo ele. não eram rendosas. O Congresso repeliu essa proposta.

Por proposta de Lenin. formulada por meio de uma carta, o II Congresso criou um orgão de fusão da Comissão Central de Controle e da Inspeção Operária e Camponesa. Esse órgão assumiu a missão de velar pela unidade do Partido. fortalecer a disciplina do Partido e do Estado e aperfeiçoar por todos os meios o aparelho do Estado Soviético.

A UNIÃO SOVIETICA E' O GRANDE EXEMPLO NA SOLUÇÃO DO PROBLEMA NACIONAL

Foi dada especial atenção ao problema nacional a respeito do qual Stalin fez informe que salientou a significação internacional da politica soviética sobre o problema nacional. "Os povos oprimidos do ocidente e do oriente vêem na União Sovietica o exemplo de como se deve resolver o problema nacional e de como se deve acabar com a opressão nacional .Destacou a necessidade de trabalhar energicamente para liquidar a desigualdade economica e cultural entre os povos da União Soviética e incitou todo o Partido para lutar decididamente contra os desvios referentes ao problema nacional: contra o chovinismo grão russo e contra o nacionalismo [illegible] burguês". (Da Historia do P.C. (b) da URSS).

O XII Congresso fez o balanço dos resultados obtidos nos dois anos de "Nova Politica Economica". Esses resultados infundiam aos povos soviéticos vigor e certeza na vitoria final.

"Nosso Partido, declarou Stalin no Congresso, continua sendo um Partido coerente, monolítico, resistente ás maiores viagens e que marcha para a frente com as bandeiras desfraldadas."

SOBRE O TRABALHO DE MASSAS

(Trecho de um trabalho do comp. BRAS GOMES DOS SANTOS, Secr. de Org. da Celula Natividade Lira, Santos, S. P.)

A organização de nosso povo está em sabermos levar as massas ao nosso meio. Como levar as massas ao nosso meio? E' muito simples. O operariado quer ver a verdade, a realidade. Não devemos enganar o povo com promessas sonhadoras, nem trair esse povo com palavras bonitas, nem prometer o que não se pode dar. O que devemos fazer são os simples trabalhos de massa no meio do povo, ensinando e educando para lutar por melhores salários. por melhor educação. por vida para nossos filhos. para que eles tenham auxilio do noso governo. nos colegios. colonias de ferias. casa de saude ou hospital quando preciso fôr. para que nosso povo seja forte. As palestras. as sabatinas. as conferencias são grandes remedios para educar as massas. Nosso povo precisa tambem divertir-se com todos os meios de diversão que sejam produtivos. pois só trabalho cansa a mentalidade do povo.

Célula "21 de Abril"

O Comité Nacional recebeu a ata da Assembléia da Célula "21 de Abril", realizada no dia 6 do corrente, sob a presidencia do camarada Vicente Jacinto e secretariada pelos camaradas José Natividade e Efigênia Vieira.

Na referida ata não se encontra qualquer indicação sobre a sua procedência, si se trata de célula de bairro ou de emprêsa e, mesmo, a que Comité Estadual ou Territorial está ligada.

Aguardamos, por isso, com a maior urgência, da parte do Secretário Político da Célula "21 de Abril" — camarada Nelson Nunes Rabello — os dados que deixaram de constar da ata e que são agora reclamados pela Comissão do Congresso.

A tese 36 e a mensagem presi[illegible]al

Por JACY BARBOS[illegible]

(Da Célula "Andaraí" — C. Met[illegible]no)

Parece-me que depois do envio da mensagem Presidencial ao Congresso Nacional a Tese que tem o n.º 36. de certo modo. envelhece. Esta mensagem, demonstrando as fundamentais causas da crise econônica que ora grassa no país. muito embora evidenciando em alguns tópicos conteudos reacionários, traduz conceitos positivos sobre a real situação, longe. bem longe dos palavrórios demagógicos. tão comuns quando era necessário pintar a situação do país durante a vigência do Estado Novo.

A Tese diz: "se acentuam cada vez mais as tendências reacionárias do atual governo que incapaz de encontrar solução para os graves problemas"... "compromete-se cada vez mais com os restos do fascismo". Concordo. sem qualquer discussão, com o perigo que representam os fascistas e os reacionários enquistados no aparelho estatal. porém julgo que. quando ela diz que o "governo é incapaz de encontrar solução para os graves problemas", não representa hoje. o que naturalmente representava na época de sua feitura. pois se a mensagem Presidencial diz: "Verificando o govêrno a conveniência de conter o êxodo para as cidades e de atrair para os campos parte da população marginal existente nos centros urbanos, resolveu tomar iniciativas de legislação que facilitem o acesso á terra a quantos brasileiros queiram fecundá-la com seu trabalho" e. mais adiante. "por outro lado a alta concentração de propriedade agrícola explica outrossim o baixo salário do trabalhador rural. a má utilização da terra no Brasil. o espantoso disperdicio de energias humanas. a não fixação do homem á terra. o atrazo da mecanização a[illegible] mesquinhez do mercado [illegible] etc.". (o grifo é nosso). — [illegible] demonstra que não é "[illegible] encontrar solução par[illegible] problemas". pelo contr[illegible] ntra uma das bases funda[illegible] do atrazo. e ainda mais. [illegible] restringir ou mesmo ab[illegible] das bases econômicas da r[illegible] nossa terra. E é por is[illegible] ente que julgo a Tese 36 e[illegible] em parte. pois se o latifún[illegible] a das bases econômicas dos [illegible] fascistas não pode o governo comprometer-se com os restos fascistas [illegible] ele declara em um documento — que dentro do regime constitucional é de importancia transcedental — necessária uma reforma nestado semi-feudal da economia agricola. levando consequentemente para o interior o capitalismo. concomitantemente elevando o nivel político do nosso campenizato. hoje a melhor reserva eleitoral dos reacionários e dos fascistas.

E á proporção que esta reforma agrária for se processando mais desamparados sentir-se-ão esses fascistas e reacionários enquistados no aparelho estatal, tornando-se fatal as suas quedas que vão se tornando imperativos para a consolidação do regime constitucional.

Cabe ao Partido agora. nesta fase de notavel esplendor no cenário de sua vida interna, criar as melhores condições. através do alevantamento das amplas massas, principalmente do campo. afim de tornar-se realidade esta medida de envergadura sumamente necessária ao progresso de nossa terra e de tirar da miséria e do atrazo cerca de 30 milhões de brasileiros que exploram a gleba.

A tese 35 e a mensagem presidencial

(Comentário sobre o artigo acima ★ da camarada Jacy Barbosa) ★

Não é a Tese 36. mas a de número 35 que o camarada Jacy Barbosa acha que está envelhecida. Seria justa essa conclusão? Parece-nos não haver motivos para modificarmos numa linha o que está dito naquela Tese. isto é. que se acentuam as tendencias reacionárias do atual governo e que este. incapaz de encontrar solução para os problemas nacionais, compromete-se cada vez mais com os restos do fascismo. Eis uma conclusão baseada na lição dos fatos.

E' inegavel — e nisso os comentarios do camarada Barbosa são justos — que muitas das verdades proclamadas por nosso Partido desde algum tempo passaram. agora. a ser verdades tambem para o Governo. o qual constata em sua mensagem ao Congresso de um modo inequivoco que "por outro lado a alta concentração da propriedade agricola explica outrossim o baixo salário do trabalhador rural. a má utilização da terra no Brasil. o atraso da mecanização agricola. a mesquinhez do mercdo interno, etc."

Felicitamo-nos por essas afirmações e tudo o que pudermos fazer fa-lo-emos. no sentido de apoiar e ajudar o Governo para que leve á pratica as medidas que êle próprio aceita como necessárias á solução do problema básico de nossa Patria. Todavia somos realistas e não podemos trocar as palavras pelos fatos. Justamente por seus compromissos com os restos fascistas, o Governo sentirá maiores dificuldades na execução daquelas medidas. que não serão postas em prática sem ferir os interesses das camadas mais reacionárias do país. Ao contrário. para que transforme as suas constatações em realidade. o Governo precisará caminhar no sentido oposto, isto é. ir ao encontro do povo e com o apoio das massas populares da cidade e principalmente do campo. poder sentir-se forte para efetivar a reforma agrária.

Estamos, pois. inteiramente de acôrdo com o camarada Barbosa em sua afirmação de que "cabe ao Partido. agora. criar as melhores condições através do alevantamento das amplas massas. principalmente do campo. a fim de tornar-se realidade esta medida de envergadura sumamente necessária ao progresso de nossa terra ao tirar da miséria e do atraso cerca de 30 milhões de brasileiros". Apenas lamentamos que. opinando pelo envelhecimento da tese 35 tenha chegado a conclusões pouco objetivas. idealistas.

Na verdade. a tese 35 envelhecerá quado a luta de nosso povo transformar em fatos aquilo que a mensagem presidencial apenas anuncia.

III - A luta pela proletarização

(Conclusão da 3.ª página)

Nossa posição frente a Aliança Liberal, que a partir de meiados de 30 pregava abertamente a luta armada, foi de desmascaramento da desenfreada demagogia desenvolvida por aquela organização. Mas nosso erro foi não indicar ás massas outro caminho e, por outro lado, não tinhamos as necessárias forças para atraí-los para o nosso lado. Dessa maneira o Partido ficou isolado da massa que se atirou á luta com inegável entusiasmo, iludida pelas promessas dos chefes do movimento.

Nossa posição foi de franco combate ao movimento, quer antes quer depois da vitória. Parece-me entretanto, e nesse ponto confesso ter duvidas, que deviamos ter apoiado o governo vitorioso exigindo, ao mesmo tempo, a legalidade para o nosso Partido. As teses não se referem claramente a esse ponto que creio ser assunto digno de debate.

Faziam parte da nova direção naquela época, entre outros, Fernando Lacerda, Barreto (Heitor Lima), Domingos Braz, Salvador Cruz e Lourenço Justino. Durante algum tempo trabalhei na base do Partido, mas já em março fui novamente chamado á direção, onde permaneci até ser preso mais uma vez, em maio, e deportado para o Uruguai.

Voltando ao Brasil, desembarquei em São Paulo para onde, por minha sugestão se transferiu o CC., ou melhor, Fernando Lacerda — que era então Secretário Geral do Partido. Em São Paulo organizavamos nova direção, que ficou constituida principalmente por Fernando Lacerda, sua companheira Cyna, Salvador Cruz, Caetano Machado (hoje expulso do Partido), Russildo Magalhães, eu e mais dois companheiros de São Paulo.

Nos anos de 1931 a maio de 1932, quando fui novamente preso — acheime em permanente minoria dentro do BP, pois haviam acentuadas divergências entre mim e os demais companheiros de direção. Essas divergências consistiam principalmente nos seguintes pontos que eram por mim combatidos:

1.º) — **Acentuada tendência "obreirista"**. — E' possivel que essa minha luta contra o "obreirismo" tenha resultado na prática em luta contra a "proletarização", mas não estou convencido disso. Esse "obreirismo" levava a companheira Cyna a declarar-se "operária" e Fernando a propor que intelectuais não tivessem direito de voto. Mas apoiei esse "obreirismo" quando se tratou de negar ingresso no Partido a alguns "Prestistas" ou partidários da Liga de Ação Revolucionária — o que ainda hoje me parece justo.

2.º) — **Extremado esquerdismo** — que surgiu em parte como reação ás anteriores tendencias da Direção do Partido de se arrastar a reboque da pequena-burguesia. Esse esquerdismo levou a Direção do Partido a considerar que o Brasil estava (em 1931) em vésperas de uma "insurreição expontanea" das massas e deviamos preparar-nos para tomar a frente delas. Nesse sentido, Caetano Machado foi enviado ao interior de São Paulo para ensinar guerrilhas aos camponeses.

3.º) — **Finalmente, a terceira tendência foi recusar-se a trabalhar nos sindicatos ministerialistas**, fundando sindicatos paralelos "vermelhos".

Ameaçado de expulsão do Partido, em virtude dessas divergências, assinei um documento afirmando que minhas teorias eram erradas, não obstante estar convencido de que eram justas. Compreendi que estava cometendo um erro mas, não querendo ser expulso, resolvi submeter-me, certo de que o tempo me daria razão. Foi, sem dúvida, um ato de fraqueza politica.

As mesmas tendências esquerdistas que dominavam a direção do Partido em São Paulo predominavam ainda em Dezembro de 1932 quando saí da Ilha Grande, depois de uma prisão de seis meses. Desejava a nova direção, constituida principalmente por Duvitiliano Ramos, Domingos Braz, Grazini e Menezes (já falecido), arrancar-me um novo documento como novo "reconhecimento de erros". Mas dessa vez, em vez de assinar escrevi uma carta condenando a linha esquerdista e extremamente sectária da Direção que, em vez de cuidar dos problemas do Partido, perdia todo o tempo em discutir casos individuais. Por esse motivo fui afastado da Direção e de todo o trabalho Partidário "até que se discutisse o meu caso". Isso se deu em fevereiro de 1933, três meses apenas após sair da prisão.

Premido por dificuldades econômicas aceitei um emprego em Maceió, para onde me retirei um mês depois, com minha companheira e um filho de 6 meses. Afastado do Partido por ordem superior empreguei meu tempo disponivel escrevendo um livro, á instancia dos companheiros de Alagoas comecei a ligar-me ao trabalho de massa, ajudando a organização da Liga Anti-fascista. Em meiados de 34, quando trabalhavamos para as eleições, fui surpreendido com a noticia da minha expulsão, medida que surpreendeu igualmente a todos os que me conheciam e conheciam minha atividade.

Minha expulsão se verificou todavia em 1934, na I Conferência do Partido. Aparentemente essa expulsão, cujos reais motivos ignoro, se justificavam pela publicação do meu livro "A Caminho da Revolução Operária e Camponesa", que foi editado sem conhecimento da Direção do Partido. O livro analisa a crise de 1929-30, o movimento de outubro de 30 e a revolução constitucionalista de 1932, e é minha impressão que a analise é justa. E' completamente errado no problema negro, onde me limitei a expôr a tese aprovada pela Direção, em 1932, em São Paulo. Tambem não era justa a perspectiva de "soviets" bem como a de um govêrno operário e camponês, mas na ocasião parecia-me justa. Era minha impressão que a crise havia radicalizado as massas, que não estavam satisfeitas com os resultados do movimento de outubro, e que o processo revolucionário caminharia com rapidês. Mas já compreendia que a Direção da Revolução devia estar nas mãos do proletariado e do Partido Comunista, contra a posição da Direção do Partido naquele momento que procurava colocar-se novamente a reboque da pequena burguesia.

Não acredito que minha expulsão tenha sido justa. Primeiro por não ter sido siquér ouvido; segundo por não me ter sido dada oportunidade de defesa; e terceiro por estar na ocasião trabalhando ativamente com o Partido em Alagoas. Acresce a circunstancia de que a maioria dos dirigentes responsáveis por essa expulsão (Miranda, Honório, Bangú e Medina), estão hoje fóra do Partido, desmascarados como provocadores ou traidores. Por isso mesmo, estou convencido que o IV Congresso agirá com justiça se cancelar o ato que injustamente me expulsou.

Devo acrescentar que por várias vezes no decorrer do ano de 1935 pedi reingresso no Partido, escrevendo á direção por intermédio da companheira Sofia Cardoso. Mas sem resultado. Sòmente reingressei no Partido em 1936, a convite do próprio CC., que então se achava na Bahia. Si não sei porque fui expulso tambem não sei porque fui readmitido sem que se me exigissem qualquer auto-critica. Devo esclarecer todavia que ao ser readmido critiquei lealmente a posição de Bangu durante o ano de 1935 o qual, embora eu estivesse expulso, me procurava constantemente, bem como outros companheiros, para toda sorte de tarefas mesmo as mais secretas.

Minha principal acusação a Bangú era ser responsável por informes falsos e baluartistas, bem como haver transformado o pequeno grupo que constituia em 35 o Partido na Bahia, em mero instrumento da ANL.

De 1936 a 1939 ocupei vários cargos na Direção do Partido naquele Estado até ser integrado, em 1928, no Comitê Estadual. Em 1939 fui transferido pela Casa em que trabalhava e, ao chegar ao Rio, fui imediatamente preso e solto no mesmo dia sob vigilancia. Dadas as condições de ilegalidade mantive-me inativo até o ano seguinte, quando fui novamente preso. A partir dessa data, 1940 até 1942, nada pude fazer. A direção se havia esfacelado completamente e eu não conhecia mais ninguem no Rio após seis anos de ausência. Posto mais uma vez em inatividade forçada, escrevi outro livro — "Fundamento do Materialismo", — sobre o qual não entrarei em detalhes por já estar essa exposição muito longa. Sobre ele espero a critica dos companheiros.

Sòmente em 1942, com a chegada ao Rio do camarada Arruda, voltei á atividade, entrando em ligação com o Partido. Discutindo e conversando com os camaradas Amarilio e Mauricio Grabois, pareceu-me que a sua posição era justa e imediatamente me coloquei á disposição dos mesmos. Acredito que muito contribui para a unificação do Partido nesse periodo, inclusive tomando uma posição de franco combate ao liquidacionismo que ameaçava o Partido.

Eis em linhas gerais o que tenho a dizer, resumidamente, sobre alguns dos problemas fundamentais da História do Partido e a minha posição frente aos mesmos. Só a critica dos camaradas me poderá dizer melhor onde errei e onde acertei nesses vinte anos de atividade.

SOBRE A CRITICA DO CAMARADA MAURICIO

Agora tenho de passar ao exame de algumas criticas feitas pelo camarada Mauricio ás minhas afirmações.

A primeira delas se refere a luta contra as ideologias extranhas. O camarada Mauricio tomou minha formulação muito ao pé da letra. — Quando digo que a "História do Partido" se pode resumir na árdua luta pela sua proletarização contra as ideologias extranhas" quero principalmente destacar a extraordinária importancia dessa luta como o eixo de todas ou quase todas as lutas que dentro dele se processaram.

Quero dizer que a falta de luta pela sua proletarização e outras vezes a luta mal conduzida e mal compreendida foram ao mesmo tempo causa e efeito de muitos dos seus principais desvios teóricos e politicos.

Por outro lado é preciso não confundir sempre a direção com o Partido ou a base do Partido. — Houve momentos em que ora a direção ora a base sentiam que havia "algo errado" mas não sabiam onde estava o erro.

Em 1927, a luta contra o grupo trotzkista era já uma luta contra as ideologias extranhas. — Dentro desse grupo se encontravam elementos que eram verdadeiros corpos extranhos dentro do Partido como Rodolfo Coutinho e Mário Pedrosa.

Mas houve tambem muitos elementos operários que se aliaram a esse grupo acreditando ajudar o Partido. — E desses muitos voltaram ao Partido posteriormente.

Esse grupo se opunha a qualquer entendimento com Prestes e achava que o Brasil caminhava para a Revolução Proletária.

Quando em 1929 ouvimos falar pela primeira vez em "proletarização", a direção do Partido procurou trilhar por esse caminho mas não compreendendo o real conteúdo dessa "proletarização" não soube levá-la á prática. Houve sem dúvida dirigentes que inconscientemente resistiram a essa "proletarização" mas de um modo geral o Partido em seu conjunto a aceitou e recebeu essa palavra de ordem com satisfação. Já mostrei anteriormente como essa "virada" na orientação politica do Partido foi erroneamente compreendida pela direção ("virada" era o termo que usavamos em nossos documentos).

Vimos por isso mesmo em 1930 essa luta partir da base do Partido contra a direção, a qual foi quase totalmente substituida por uma direção operária. Antigos dirigentes como eu, Astrojildo e Paulo Lacerda, foram afastados da direção.

Creio poder afirmar que a partir principalmente de 1929 até 1932, o Partido, tomado em seu conjunto procurava lutar contra as ideologias extranhas mas lutava erradamente sem compreender a real significação do problema.

E' preciso, entretanto, compreender a profundidade dialética desse processo de proletarização que muitas vezes translutas fracionistas que agitaram o Parparecia sob a forma de lutas pessoais, tido durante muitos anos, lutas em que ora predominavam uma tendência, ora outra, como reflexo do próprio processo de diferenciação da pequena burguezia e do crescimento da consciencia politica do proletariado.

Quando digo que na II.ª Conferência essa luta chegava aos seus "últimos dias" o que é talvez uma força de expressão, quero dizer que a ideologia proletária, com os anos de guerra, com o desenvolvimento da consciência politica do proletariado passou a predominar o Partido. Longe estamos sem dúvida de haver liquidado a influência das ideologias extranhas em nosso Partido mas é inegável que o processo de proletarização chega aos seus últimos dias, a ideologia proletária predomina em nosso Partido, sobre a ideologia pequeno burguesa. E não acidentalmente mas como o resultado de um processo de formação que durou longos anos e que caminhou com o crescimento da consciência politica do proletariado Brasileiro.

Diz o camarada Mauricio que afirmo terem as continuas substituições de direção, como causa, a falta de ligação com as massas. O que afirmo entretanto é que essas direções caiam pelos seus próprios erros e desvios e que estes provinham da falta de contacto com as massas. Segundo o camarada Mauricio a falta de contacto com as massas já era o resultado da influência de ideologias estranhas. Não nego isso, mas não se pode negar igualmente que a falta de contacto com a massa torna por sua vez qualquer Partido, frágil presa das ideologias estranhas. Desligado da massa o Partido é incapaz de "proletarizarse" de lutar contra as ideologias estranhas.

Tambem não me parece justa a observação que o camarada Mauricio faz a respeito da influência da massa na formação do Partido.

A citação de Stalin segundo a qual o Partido "tem de marchar a frente da Classe Operária" (o grifo é meu) é cem por cento justa. Mas não devemos confundir o nosso desejo com a realidade. O Partido, como vanguarda organizada do proletariado, tem que marchar a frente, mas um Partido débil, como era o nosso naquela época, nem sempre o consegue e muitas vezes a massa caminha á frente do Partido como se deu em 1930 em que ficamos lançando manifestos enquanto a massa pegava em armas pela Aliança Liberal. De modo que não me oponho de maneira nenhuma a que o Partido marcha a frente da massa. Pelo contrário, critico o Partido e nesse caso a mim mesmo, por não ter sabido fazê-lo.

Quanto a questão sindical em que o camarada Mauricio nega, de acordo aliás com as teses, que a greve dos Padeiros como a greve dos gráficos resultassem da atividade do Partido bem como que fosse o Partido responsável pela grande atividade sindical dos anos 1927 a 1929, penso que ele está negando fatos.

Quando diz que o Partido não poderia realizar trabalho sindical "por estar a reboque da pequena burguesia" e "subestimar completamente o trabalho de massas", o camarada Mauricio está negando fatos com teorias. Lembra aquele médico que se recusava dar alta a um doente porque ele, de acordo com os mais modernos tratados de medicina, o infeliz devia estar morto.

E' verdade que havia pouco trabalho de massa. Que o único trabalho de massa era o trabalho sindical e que este era conduzido com muitas debilidades pois quase sempre cuidavamos mais de conquistar as Diretorias sindicais que próprimente a massa sindical.

Mas é verdade tambem que mesmo tendo em vista a fraqueza organica do Partido e considerando a situação de ilegalidade em que viviamos a atividade sindical foi intensa e, naqueles anos foi toda devida, principalmente no Distrito Federal, á iniciativa e a atividade do Partido.

Grande número de sindicatos foram criados como já citei em artigo anterior. Foi fundada a Federação Sindical e por fim a C. G. T. B. — Foi nossa influência que transformou grande número de sindicatos moribundos como os da Construção Civil, Metalúrgicos, Padeiros e sobre tudo Textís em poderosos sindicatos. O Bloco Textil organizado por iniciativa do Partido, conseguiu realizar assembléias de mais de 1.500 associados, creio que em 1928.

Aliás o Partido quase que vivia nos sindicatos. Era mesmo o que chamamos hoje, um Partido "sindicaleiro" e não compreendiamos outra forma de trabalho de massa. A verdade é que embora organicamente débil, embora politicamente a reboque da pequena burguesia, embora sem compreender o seu verdadeiro papel de guia e as massas, o Partido desenvolvia até 1929 grande atividade sindical que só diminuiu com a Revolução de 1930 e a criação de sindicatos do Ministério do Trabalho quando começamos a abandonar os sindicatos.

Antigos militantes como o tecelão Julio Kengen, o metalúrgico Agenor Marinho, o gráfico Iguatemy Ramos e muitos outros podem e devem dar o seu testemunho.

Finalmente para terminar — quero chamar a atenção para o fato de que o camarada Mauricio argumenta citando as Téses, quando precisamente as Téses estão em discussão. E parece estranhar que eu afirme o contrário do que dizem as Téses, quando observa em determinado trecho que o meu artigo está "em completa contradição com as Téses".

As téses estão em discussão. Depois que elas forem aprovadas procurarei não estar em contradição com elas.

LEONCIO BASBAUM

ESCREVER PARA O "BOLETIM DO IV CONGRESSO" E' UM DIREITO DE TODO MILITANTE

Fundamentos econômicos

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAG.)

os elementos fundamentais do processo histórico em curso.

Trata-se em primeiro lugar de completar a transição do regime de trabalho escravo, extinto juridicamente há mais de meio século, mas ainda mantido mais ou menos disfarçadamente em um sem número de casos, para um novo regime de trabalho efetiva e completamente livre. Isto exigirá medidas econômicas, politicas e administrativas de vulto que não podem ser uniformes para todo o país, dada a variedade das relações de trabalho vigentes em suas diferentes partes.

Paralelamente a isto, será — preciso uma reestruturação completa da economia brasileira na base das necessidades efetivas do país e de seus habitantes. Isto é, que a produção, a circulação e os demais elementos que integram a estrutura econômica se organizem primordialmente em função das exigencias do consumo da população brasileira tomada em conjunto. Começando-se por atender ás necessidades mais elementares da grande maioria do país que se acham longe de uma satisfação conveniente: alimentação, saude, vestuario, habitação. E' para isto que devem convergir primordialmente as atividades e recursos do país. Será precisamente este o primeiro passo no sentido de tornar nossa economia de colonial em nacional. Não se trata aí apenas do "progresso" do país; um progresso em abstrato e destacado dos individuos que dele devem participar. O nosso colonialismo não importa absolutamente, como nunca importou no passado, num estado geral de pobreza e miseria para todo o Brasil. Ele tem dado conta perfeitamente da tarefa que lhe coube de manter pequenos setores da população brasileira num nivel de vida relativamente elevado. E é precisamente por isso que o problema da nacionalização e libertação da economia brasileira não se propõe para estes setores que forma a minoria dominante e suficientemente aquinhoada, no regime atual, com todo o bem estar e conforto modernos. A transformação da economia brasileira não diz respeito assim a estes setores, mas á restante maioria do país, em função de cujas necessidades se deverá reaparelhar a nossa economia.

E aqui propõe-se finalmente, a como conclusão, a forma de realizar estes objetivos da revolução brasileira. Será pelo "fomento do capitalismo", como pensam alguns? Por uma "revolução democrática-burguesa" que suprimindo as "sobrevivencias feudais" da nossa economia, abra perspectivas amplas para o progresso do regime capitalista? Evidentemente não. Não é a debilidade do nosso capitalismo o responsavel pelo atual estado de coisas no país e o atrazo da nossa economia. Esta é uma tese visceralmente burguesa, falsa, e que só pode iludir as massas trabalhadoras e oprimidas.

O incipiente capitalismo brasileiro, de mãos dadas com o imperialismo, tem usufruido largamente e com grande proveito as condições vigentes no país. E a prova é que existe no Brasil uma burguesia capitalista não somente financeiramente forte, mas poderosa e politicamente dominante. E por isso não lhe interessam absolutamente as reformas substanciais de que necessita o país, ou antes a massa de sua população. Pede apenas liberdade para agir sem restrições que lhe pertubem as atividades, e admitem a intervenção do Estado unicamente para lhe garantir a segurança de seus negocios. Não é outra conclusão que se depreende dos programas traçados pelas chamadas "classes produtoras", isto é, a burguesia, nos diferentes congressos e manifestações coletivas em que se tem pronunciado. Que interesse pode ter a burguesia em promover a libertação completa do trabalhador nacional, se é precisamente o estatuto semi-servil deste que melhor lhe assegura uma larga margem de exploração do trabalho, e a maior submissão do proletariado? Que interesse tem ela em livrar a economia brasileira de suas contingencias coloniais quando encontra aí (e muitas vezes justamente porque é colonial) margem suficiente para a aplicação de seus capitais e exploração de negocios rendosos?

Mas além disto, e sobretudo, há a considerar que a livre concorrencia e iniciativa provada (que são os elementos fundamentais do capitalismo), não são de modo algum os fatores capazes de dar conta da tarefa de reestruturação da economia brasileira nos moldes em que isto se faz necessario. Ambos implicam numa perda consideravel de esforços, num disperdicio de energias e convulsões periodicas que o país está longe de poder suportar. E' certo que o capitalismo, com todo estes aspectos negativos, assegurou tanto na Europa como nos Estados Unidos um consideravel progresso material. Mas o nosso caso é completamente diferente. Tanto do ponto de vista de recurso naturais, como de contigentes humanos, ficamos muito para trás daqueles países e povos no terreno das possibilidades e oportunidade econômicas. O Brasil é um país de natureza agreste e dificil; as nossas tão descantadas riquezas não ultrapassam os versos dos nossos poetas. Quanto á nossa população, além de rarefeita e muito dispersa, ela tem atrás de si uma longa historia de formação caótica, e sofre as contigencias de um multi-secular desconforto tanto material como moral. Não é comparavel porisso aos povos da Europa e da América do Norte.

Além disso, os tempos são outros. Não é nesse novo mundo da árdua luta inter-imperialista, em que o Brasil já ficou tanto para trás, que se repetirá aqui a epopéia do capitalismo norte-americano com que tantas vezes nos acenam as forças conservadoras desejosas de nos iludir com miragens tentadoras. O mundo liberal do século IX está definitivamente morto; e não será no Brasil que ele ressuscitará. As molas propulsoras do capitalismo (o enérgico individualismo e o forte estimulo da iniciativa privada) não funcionam mais no mundo moderno; nem cabem mais nele. Não será agora no Brasil, onde nunca existiram, que irão se constituir para realizar a grande tarefa de reestruturação e transformação da face do país.

Isto não quer dizer que tenha soado a última hora do capitalismo no Brasil. A iniciativa privada ainda tem muito a realizar aqui. Mas não uma iniciativa privada deixada a seu arbitro e livre. E sim estritamente regularizada e encaminhada para aqueles setores de atividade onde a necessidade dela se faça mais sentir frente aos interesses gerais do país. E complimentada e substituida sempre que convier, pela ação direta do Estado ou de seus orgãos representativos dos interesses da coletividade.

Em suma, trata-se de aproveitar o capitalismo naquilo que ele ainda oferece de positivo nas condições atuais do Brasil; e contê-lo, e o suprimir mesmo no que possa se pôr ás reformas que o país necessita. E ao mesmo tempo, ir preparando os elementos necessarios para a futura construção do socialismo brasileiro.

As lutas sindicais . . .

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAG.)

por 40% de aumento de salário. Em vez de 40, recebemos 15 por cento. Diziamos, então, que esses 15% eram para "calar a bôca" dos ferroviários.

Depois de uma temporada em Minas Gerais, onde conheci o camarada Claudino José da Silva, voltei a me ligar ao Partido. Em 1940, por ocasião da grande "queda", fui novamente preso, passando 8 meses detido.

A CNOP LEVANTA O PARTIDO

O nosso entrevistado acrescenta em seguida:

— Em 1942, fui procurado por um elemento da CNOP, que, em plena ilegalidade, iniciava o trabalho de rearticulação do Partido. Não tive duvidas e, mais uma vez, encontrei o meu lugar no trabalho ativo do Partido. O liquidacionismo não chegou a ter influencia no setor dos ferroviários. Não podiamos aceitar, nem de longe, os argumentos dos liquidacionistas, quando facilmente reconheciamos que o verdadeiro trabalho revolucionário estava sendo feito, então, pela CNOP, que para nós, era o Partido.

Sob a sua orientação, que era a de apoio á politica de guerra do governo para vencer a guerra anti-fascista, atuei na Liga da Defesa Nacional, ajudando a fundar o setor dos ferroviários do seu Departamento Trabalhista. A celula da Central do Brasil, por sua vez, foi recomposta, possuindo, na ilegalidade, cerca de 20 elementos. Hoje, após dois anos de legalidade, já se contam por muitas centenas os membros de nossa organização.

O IV CONGRESSO E A CELULA "FALCÃO PAIM"

O camarada Coelho finaliza as suas declarações:

— Já estamos francamente a caminho das ultimas etapas do IV Congresso. O povo brasileiro está recebendo uma demonstração de como se pratica a democracia demonstração até agora desconnecida em nossa Pátria. No dia 20, terá lugar a Conferencia nacional da celula Falcão Paim. Ferroviários comunistas de varios Estados, faremos a nossa reunião com o espirito de colaborar, na parcela que toca, para manter a ordem e a tranquilidade, o respeito á Constituição e chegar, enfim, a uma solução pacifica dos problemas de nossa Pátria.

Unamos todos os democratas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAG.)

se contra o fechamento do Partido Comunista.

Em relação á União da Juventude Comunista, no entanto, não pode haver outra palavra para classificar a posição da UDN: capitulação. Capitulação no terreno da defesa da democracia e da Constituição de 18 de setembro de 1946, e negação do programa com que tem concorrido ás eleições.

Ante a declaração pessoal do presidente da UDN, sr. José Américo, homem que tem um passado de luta democrática, não só nós comunistas, mas os proprios udenistas honestos, democratas sinceros, aguardavam outro pronunciamento da direção daquele partido. As palavras anteriores do sr. José Americo, informando que a UDN "responderia" ao Partido Comunista criando a União Democrática Juvenil, era uma admissão clara do respeito ao preceito constitucional que garante a livre organização e associação. Dentro desse preceito é que foi criado e registrada legalmente a UJC, poderia ser criada organização semelhante da UDN ou de qualquer outro partido, associação, etc.

A campanha sistematica dos reacionaries e fascistas contra o direito de livre organização não é de agora, não visa apenas a UJC, mas as organizações em geral. Não podemos esquecer que os trabalhadores tiveram de sustentar uma ardua luta para fundar o MUT e a CTB. A campanha da reação contra os comitês populares jamais cessou. As investidas contra a organização dos ex-combatentes, os herois da FEB, ainda hoje continuam.

Assim, adotando a posição de apoio ao ato inconstitucional do governo, a UDN apenas reforçou a reação, nessa campanha de fundo nazista contra a ditadura.

Onde, pois, o cumprimento, na prática, de seu tão alardeado lema: "eterna vigilancia"?

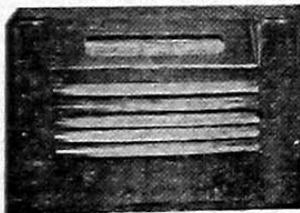
No entanto, proceres da UDN, muitos deles, amargaram os anos de ditadura estadonovista, ditadura que arvorava precisamente a bandeira do anti-comunismo.

Eram somente os comunistas os que sofriam com a ditadura? E' verdade que, vivendo na ilegalidade, não deixando de lutar um só instante, os comunistas eram as vitimas principais dos métodos fascistas do governo Vargas. Mas, para implantar a ditadura, Vargas e seu bando tiveram que prender e torturar democratas que nada tinham com o Partido Comunista. Sabemos que a liquidação da Aliança Nacional Libertadora — para o que os fascistas receberam o apoio da maioria do Congresso covarde de então — foi o primeiro passo para a liquidação dos sindicatos operarios, das organizações de massa, e finalmente dos Partidos politicos. Infelizmente, temos de constatar que a UDN começa a marchar pelo mesmo caminho que de maneira fatal levou á ditadura estadonovista. Prevaleceu infelizmente, mais uma vez, na direção nacional da UDN o ponto de vista dos elementos reacionarios, dos capitulacionistas, contra a opinião dos democratas e da massa do Partido.

Que devem fazer os verdadeiros democratas e patriotas, em tal emergencia, das mais graves, quando assistimos ao capitulacionismo de um dos partidos que mais basearam sua propaganda eleitoral em "slogans" de defesa das liberdades publicas?

Resta um caminho aos verdadeiros democratas e aos patriotas: união em torno dos que defendem a Constituição de 18 de setembro. Dentro da lei e da ordem, protestos energicos contra os que atentam contra a Constituição. Dentro da ordem e da lei, demonstrações de massas em apoio a todos os parlamentares de qualsquer correntes politicas, que corajosamente defendem as liberdades do povo, a democracia, procurando impedir que o imperialismo, através dos restos do fascismo e da reação, domine a nossa Patria e explore o nosso povo.

Advirtamos, entretanto, aos udenistas capitulacionisnas de hoje que não basta ser contra o fechamenao de um partido politico para se garantir o cumprimento da Constituição e a segurança da democracia. E' preciso defender a Constituição intransigentemente, sem permitir qualquer recuo, contra todos os atentados dos remanescentes do fascismo, pois a menor concessão nesse terreno poderá ser fatal, pelo menos temporariamente, para a vida democrática do país.

Para a realização do IV.° Congresso, não esqueçamos que são indispensáveis finanças. Comecemos o trabalho em casa, regularizando as finanças ordinárias: — Cada militante com a sua carteira em dia !

Aniversario da execução de Tiradentes

(CONCLUSÃO DA 8.ª PAG.)

agraria e contra o imperialismo, honrando desta maneira a memoria do grande martir da Inconfidencia, de cujos ideais são os comunistas os herdeiros mais legitimos.

A 21 de abril, todo o Partido deve levar ás massas a historia de Tiradentes, seu exemplo magnifico no sacrificio pelo bem da Patria, mostrando que são hoje os comunistas os melhores patriotas, os verdadeiros continuadores da luta pela qual morreu Tiradentes.

BOLETIM DO C. M. DE JUIZ DE FORA

Recebemos um exemplar do Boletim Interno n.° 10, do Comité Municipal de Juiz de Fora.

O artigo de fundo do B.I. sob o titulo de "Cresce, cresce, seara vermelha", tirado de um poema de Castro Alves, é dedicado ao aniversário do Partido Comunista do Brasil, que depois de 23 anos de luta, na ilegalidade, surge nesta nova etapa de sua vida, como o maior Partido Comunista do continente.

A segunda pagina do B.I. publica o Plano de trabalho do IV Congresso lançado pelo Comité Municipal de Juiz de Fora, do qual damos em linhas gerais alguns dados publicados pelo B. I.

A secretaria de educação planificou 3 conferencias, 6 sabatinas, venda de folhetos para liquidar o estoque, 43 assinaturas de "Jornal do Povo", 1.000 cartazes de propaganda do "Jornal do Povo", aumento de 103 exemplares de A CLASSE OPERARIA da cota semanal do C. M., 28 jornais murais, etc. A secretaria de educação visa ainda, dentro do plano lançado, a instalação da sucursal da editora "Jornal do Povo", de Belo Horizonte. No trabalho de recrutamento tem o Comité Municipal como cota recrutar 300 novos militantes.

O leitor escreve

HENRIQUE GUANABARA (Rio) — O camarada afirma em sua carta que os livros e folhetos editados pela Horizonte e Vitória são escritos em linguagem elevada, que o povo não compreende. Achamos que o camarada colocou mal o problema. Tanto a editora Horizonte como a Vitoria têm editado livros e folhetos accessiveis a qualquer pessoa, que tenha apenas o curso primário. Os folhetos de Prestes, Amazonas, Pomar, e mesmo a "Historia do Comunista (b) URSS e outros citados pelo camarada, não exigem grande esforço para compreende-los. E' verdade que alguns livros de Lenin, Marx, etc., exigem maiores conhecimentos. Mas, no próprio curso dos estudos que o camarada fôr fazendo, poderá assimilar mais facilmente essas obras.

CANABRAVA FILHO (C. M. Pirangi) — Recebemos a lista de Classops desse C.M., acompanhada das respectivas fichas.

LUIS AMARO DOS SANTOS (Rio) — Escreve-nos protestando contra a companhia de onibus "Viação Carioca Latda.", que se recusa a pagar o descanso remunerado aos trabalhadores, como recomenda a Constituição de 18 de setembro de 1946.

Cabe aos trabalhadores dessa companhia, de forma organizada, lutarem por essa reivindicação, por todos os meios legais, sem deixar de procurar um entendimento com a direção da empresa, apresentando a reivindicação do descanço semanal remunerado como um direito inviolavel dos trabalhadores, assegurado pela Carta Magna. Os trabalhadores devem ainda apelar para o seu sindicato de classe, a fim de que o mesmo interceda junto á companhia faltosa, em defesa de seus associados.

J. P. GARCIA (São Paulo) — Envia-nos tambem uma carta sobre o mesmo assunto que acima respondemos. No caso em questão, a empresa que se nega pagar o descanço remunerado aos trabalhadores é a "Servix Companhia de Engenharia", de São Paulo. Chamamos a atenção do missivista para a resposta que demos á carta do sr. Luis Amaro dos Santos, cabivel tambem ao seu caso.

A. AUGUSTO COSTA (Rio) — Recebemos seu trabalho assinado que deixamos de publicar por se tratar de assunto já comentado pela A CLASSE OPERARIA. O camarada que teve a melhor boa vontade de nos escrever deve ter o cuidado de abordar em suas futuras correspondências assuntos mais concretos, de interesse para o Partido. O camarada deve aproveitar as experiências de seu organismo, como fonte para os seus futuros trabalhos assinados.

CAROLINADO REIS (São Paulo) — Numa carta que enviou á nossa redação solidariza-se com o nosso Partido diante da posição justa assumida na campanha eleitoral de 19 de janeiro. Focalizando o apoio dado á candidatura Adhemar de Barros, afirma em sua carta que "o Partido Comunista do Brasil — tenho a certeza — jamais deixará de dar o seu apoio e se colocar ao lado daqueles que, em praça publica, assumam o compromisso de defender a Constituição e o nosso povo."

Os resultados das eleições de 19 de janeiro, provam realmente, como afirma o missivista, que a posição de nosso Partido foi justa. O povo de São Paulo, entretanto, deve mais do que nunca estar organizado para fazer prevalecer áqueles pontos que serviram de base para o acordo entre o PCB e o partido do sr. Ademar de Barros — defesa da Constituição, legalidade dos partidos inclusive o Partido Comunista e a luta contra a carestia — pontos hoje tão visados pelos inimigos da democracia, os quais se servem dos mais baixos e ridiculos instrumentos, como os virgolinos, macedos e barbedos.

Um anti-comunista...

(Conclusão da 12.ª página)

do Partido Liberal, doceis agentes do imperialismo ianque, e passaria então a fazer uma politica ferozmente anti-comunista e em favor do capital colonizador dos Estados Unidos. Mas fracassaram no seu intento.

Os comunistas chilenos, compreendendo aonde queriam chegar os imperialistas, tiveram eles próprios a iniciativa de resolver a crise, afastando-se do govêrno a fim de que o presidente Videlia ficasse em liberdade para recompô-lo de acôrdo com a nova situação que se apresentava. Os comunistas mostraram mais uma vez que não querem, como os seus antagonistas, o Poder pelo Poder. Os comunistas chilenos provaram na prática que visam unicamente a manutenção no país de um clima de ordem e tranquilidade no qual os restos do fascismo e os imperialistas serão fatalmente esmagados, mediante uma politica em favor do povo.

Os senhores do Partido Liberal perderam a cartada. E' com pesar indisfarçavel que a "imprensa sadia" informa ter Gonzalez Videlia formado um "novo governo esquerdista", pois a mariorla dos seus membros pertencem realmente a seu partido, o Partido Radical, e dois do Partido Democrata, sendo recusada a participação dos liberais.

Antigo Ministro do govêrno Aguirre Cerda, Schnake, o homem que, depois de uma visita aos Estados Unidos, voltava a seu país vangloriando-se de possuir uma "nova mentalidade politica", não conseguiu o que desejavam seus patrões.

Ao tempo de Aguirre Cerda, foi sua a iniciativa de quebrar a frente democrática popular que sustentava o govêrno, com o que o país mergulhou, mais tarde, praticamente na ditadura, sendo um dos ultimos govêrnos na América a romper com a Alemanha hitlerista. E' esse o passado do falso "socialista" Schnake.

A recente vitória do Partido Comunista do Chile, triplicando nas eleições sua representação nas Camaras Municipais, acendeu o ódio da reação e deu oportunidade a Schnake, êsse caixeiro do imperialismo, traidor de sua Patria, a pôr mais uma vez em prática a sua "nova mentalidade politica". Mas, desta vez, seu fracasso será total. Não podemos ter dúvidas de que o bando imperialista e seus agentes serão derrotados no Chile, como o foram na Argentina e como hão de ser derrotados em nosso próprio país.

Ato desesperado...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAG.)

tende essa proibição do funcionamento, porque não queremos, de forma alguma que se use este decreto como pretexto para jogar a Policia contra o nosso povo. Esses srs. esperam conseguir através da desordem, num ambiente de guerra civil, pretexto para liquidar o movimento sindical e atacar os comunistas. Em seguida ao cerceamento de liberdade do Partido Comunista — não se iludam os meus colegas — virá o dos demais partidos democraticos. Não se trata de defender somente o Partido Comunista, não se trata de defender a Juventude Comunista, trata-se de defender a Constituição e a democracia. Aí está o sentido suicida da nota da União Democratica Nacional, ao aceitar, como bom um ato, tão gritantemente, inconstitucional.

Essa sr. Presidente, a nossa posição. E' essa a declaração formal, que faço, da tribuna do Senado. Justamente ela se destina a prevenir as provocações policiais, provocações que se sucedem principalmente contra o nosso partido. Tentou-se, de todas as maneiras, durante este ano e, mesmo, desde 18 de setembro do ano passado, levar os comunistas a atos de desespero, suspendendo o nosso jornal, assinando portarias como aquela de autoria do Ministro Carlos Luz, proibindo a circulação da "Tribuna Popular", ou então com atos como os da Policia apreendendo os jornais do Partido nas suas bancas. Depois, surgiram as proibições contra os nossos comicios, reuniões legais, de carater exclusivamente eleitoral. Todos eles foram realizados com enormes dificuldades, enfrentando provocações policiais, como aconteceu em fevereiro deste ano com o nosso comicio no campo do Russel, cujos oradores foram ameaçados, por altas autoridades policiais, de serem dispersados á bala desde que ousassem atacar a insignia figura do sr. Morvan de Figueiredo, que é o defensor intransigente dos interesses dos papatrões mais reacionarios, e que tudo fez para atalhar o movimento sindical em nossa patria. O sr. Morvan de Figueiredo declarou que o comandante da Policia Especial estava pronto a dissolver a bala o nosso comicio, caso fosse necessario.

Felizmente, a propria Constituição coloca esses senhores em posição dificil. Quando chega o momento de agir, a ordem vai de boca em boca e nunca chegam a ter coragem para cumpri-la.

Agora, por exemplo, o que significa essa proibição de funcionamento da Juventude Comunista?

A Juventude encontra-se devidamente instalada em sua sede. O presidente da Juventude é o sr. Apolonio de Carvalho, oficial do nosso Exercito que combateu na Espanha contra a Republica de Franco, condecorado com a Legião de Honra da França, tambem tenente-coronel honorario das forças francesas.

Esse homem, sr. Presidente, é o dirigente da Juventude Comunista. Estará ele agora ameaçado de prisão? Quais serão as ameaças que ele terá do temer?

A Juventude acatou a decisão do governo. Suspendeu o seu funcionamento e impetrou um mandado de segurança da justiça brasileira, porque confia nessa justiça.

Senhores Senadores, simultaneamente, o meu Partido protesta veementemente contra esse ato do governo, e valho-me do ensejo para pedir-lhes mais um pouco de paciência e atenção, para a leitura desta nota, que é tambem um protesto do meu Partido. (Prestes lê a nota da Comissão Executiva do PCB, que vai publicada noutro local — N. da R.)

Essa, srs. Senadores, a nossa opinião, a nossa posição; esse o nosso protesto, que ficará nos Anais desta Casa como talvez o unico protesto contra o ato inconstitucional do Governo, a fim de que amanhã, o povo saiba quem defendeu, realmente, a Constituição e quem silenciou ante atentados.

Ao terminar estas palavras, dirijo um apêlo a todos os democratas, a todos os homens com responsabilidade política em nossa Patria, a todos que querem o progresso do Brasil para que compreendam a gravidade do momento que atravessamos, e não se deixem enganar, erguendo-se, realmente, em defesa da Constituição de 18 de setembro. Foi exatamente porque silenciaram ante os primeiros atentados á Carta de 1934 que a democracia foi pouco a pouco liquidada, até chegarmos ao espetaculo nefando de 10 de novembro de 1937.

OS HERÓIS DA JUVENTUDE NA LUTA PELA LIBERDADE

Por APOLÔNIO DE CARVALHO

N. R. — Publicamos, a seguir, mais uma parte da conferencia pronunciada pelo camarada Apolonio de Carvalho, ex-oficial do nosso Exercito, que lutou contra Franco nas brigadas internacionais e foi condecorado com a Legião de Honra da França pela sua atuação nas Forças Francesas do Interior, em cujas fileiras atingiu o posto de tenente-coronel. A parte inicial dessa conferencia realmente oportuna e cheia de ensinamentos, foi publicada na edição anterior d'A CLASSE.

II

Está aí um pouco do que fizeram os jovens comunistas — exemplo de patriotismo, exemplo de espirito de sacrificio e de amor á união e á causa juvenil em geral. Dois simbolos se destacam entre eles. São dois exemplos. Como tantos outros, eles devem ser conhecidos dos moços e das moças de todo o mundo.

Um é Cristino Garcia, jovem mineiro de Asturias, combatente contra a reação desde 1934. Em 1936, ele é tenente de guerrilheiros no Exercito Republicano Espanhol e atua no interior das linhas inimigas. Em 1938, em Teruel, é sua tropa de guerrilheiros que paralisa os transportes de todo o exercito franquista, fazendo saltar as pontes e os trilhos. Refugiado na França depois de 1939, ele dirige no Gard a sabotagem nas minas de carvão destinado aos alemães. Incorporado ás forças da Resistencia na França dirige a luta em varias regiões e realiza verdadeiros feitos de armas. Os mais conhecidos são o combate da Madalena e a libertação dos patriotas da prisão de Nimes verdadeira fortaleza situada no centro da cidade e guardada por um forte contigente armado.

Cristino supriu com a audacia e um estudo aprofundado das condições, com a vontade de realizar ligada ao sentido da responsabilidade, a deficiencia dos seus armamentos.

E a prisão de Nimes foi ocupada por seus 18 homens, armados de algumas granadas, e de 15 revolveres, dos quais cinco estavam sem munições.

———

O outro é Fabien, jovem metalurgico, ferido como combatente do Exercito republicano espanhol já aos 17 anos. Fabien foi o simbolo da Resistencia francesa. Perseguido como militante das Juventudes Comunistas, preso varias vezes, escapando-se sempre, foi ele que desencadeou a luta aberta, em pleno dia, ao coração de Paris, abatendo um oficial alemão no interior duma estação de Metro. De posto em posto, ele se torna um dos mais eficientes chefes militares do Interior. São celebres, entre outros, sua evasão do Forte de Romainvilhes, sua amizade com o Abade Bouveresse, um grande patriota, seu ataque ao Palacio do Senado, ultimo baluarte alemão na libertação de Paris.

A coluna Fabien, que deixou a Capital para continuar a guerra na Alsacia, foi a prova de que podem a coragem, a tenacidade., o patriotismo dos moços — e de como tudo se pode organizar em marcha, dentro da ação, melhorando a aperfeiçoando, a cada dia, o que se fez e se consolidou até ontem.

Como Hoche, que foi general da Republica aos 24 anos, Fabien morreu na Alsacia, vitima dum acidente que lançou pelo ar seu posto de comando. Com ele, morreram Dax, Lebon, Kate e Nicole, sua agente de ligações incançavel e dedicada: quatro jovens, quatro herois.

Fabien tinha 26 anos. Era coronel das Forças Francesas do Interior. Tinha sido um grande chefe militar, um grande guia da juventude, um grande lutador pela independencia do pais e pela União Nacional. Ele figura hoje entre os **Herois Nacionais da sua Patria.**

Nós poderiamos falar ainda da juventude yugoslava, que deu o maior numero de combatentes jovens ás Brigadas Internacionais, que lutou e conquistou a independencia nacional através do sacrificio de milhões de vida e que é hoje, sob o governo do marechal Tito, um exemplo para o mundo, com suas brigadas juvenis de reconstrução do pais devastado.

Todos esses exemplos mostram a pureza de ideal, o imenso patriotismo, o amor de liberdade e o esforço da união dos jovens comunistas no mundo inteiro, fieis á sua missão de luta pelo progresso, pela justiça e pelo futuro.

E NO BRASIL?

Vejamos agora o problema de uma grande organização da juventude em nossa terra. Ela é uma necessidade de carater nacional, uma exigencia da situação e das caracteristicas proprias da mocidade entre nós.

Por que? Há várias razões.

1°) — Porque somos um pais de moços, onde a massa juvenil representa mais de metade de toda a população. Só os brasileiros de menos de 14 anos são já 42% da população total do Brasil. Quer dizer que o número de jovens é entre nós duas vezes maior que na Suecia, na Inglaterra, na França. Essa imensa massa da nossa população está desorganizada, sem união e abandonada. Está aí uma imensa reserva — a maior de todas — para a luta democratica nacional, uma imensa riqueza para o florescimento de nossas ciencias, de nossas artes, da tecnica e do trabalho especializado tão necessarios ao desenvolvimento da nossa economia. E é aqui que vemos o atrazo enorme e o abandono em que vive o nosso povo.

Nossa mocidade não tem escola, não tem saude, não tem esportes, nem diversões. Pior que isso: Ela morre cedo. A media de vida no Brasil não passa dos 30 anos. As causas? O trabalho extenuante, os salarios de fome, a super-exploração juvenil nas cidades e no campo. Visitemos as fabricas, os frigorificos, os laboratorios, as fabricas de vidros, as oficinas graficas — em sua maioria condenadas pela lei como nocivos á saude dos adolescentes. Nós encontraremos ali dezenas de milhares de menores, representando de 1/3 á metade dos efetivos. Indaguemos dos salarios que recebem. Em 1942, segundo estatisticas oficiais do I. A. P. I., o salario medio dos menores de 14 anos não passava de 3 cruzeiros e meio por dia. Para os menores de 18 anos, ele oscila em geral entre 200 e 100 cruzeiros mensais. Numa fábrica de tecidos — a Cia America Fabril — 825 operários ganham menos de 200 cruzeiros por mês!

Uma consequencia é inevitavel: a sub-alimentação, a miséria cronica, a tuberculose. E isto explica porque os jovens são a maioria em nossa população. E' que a grande massa dos brasileiros morre entre 20 e os 30 ou 40 anos. Exgotados por um trabalho superior ás suas forças, super-explorados, sub-alimentados, nossos moços não dão á Nação o contigente de adultos que deviam dar. Um exemplo: Em 100 brasileiros que morrem, ha 50 moços, no Rio; 57 na Bahia; 61 em Pernambuco. E' a condenação do vigor e da vitalidade do nosso povo. Imagine-se uma árvore cujos galhos são cortados antes que eles tenham atingido a seiva e idade de produzir. Ela não será nunca uma arvore florescente capaz de dar boa sombra e bons frutos.

E ainda aqui os dados se referem ás cidades. Mas a grande massa juvenil está no campo, dentro do regime desumano do grande latifundio, sem direitos nem leis. Em 4 milhões de moços e moças de 10 a 19 anos, que trabalham, a agricultura e a pecuaria absorvem mais de 3 milhões, ou sejam 78% da massa juvenil.

Mas o problema é o mesmo em todos os setores da vida nacional. A mocidade brasileira continua tambem condenada á ignorancia, ao obscurantismo, á incultura. Num pais onde ha 10 milhões de jovens de 10 a 19 anos, apenas 300 mil, ou sejam 3%, frequentavam, em 1942, as escolas do curso secundario ou superior. E ainda o ensino minstrado é produto de monopólio da ciencia e da cultura pelas classes dominantes, as mesmas que vivem do monopólio da terra e da resistencia a tudo o que é novidade e progresso para o pais.

Nossa juventude tem que ganhar uma grande batalha pela alfabetização, pela ciencia, pela conquista da Tecnica, num pais onde a terra rica e amiga espera apenas o trabalho criador, apoiado no estudo e no patriotismo, para mudar em felicidade e abundancia a miseria cronica das populações.

Ela tem que conquistar a ciencia para pô-la ao serviço de nossa Pátria, para contribuir á solução dos problemas nacionais, como parcela consideravel da nação e força do futuro que é.

Ela tem que ganhar a cada dia um maior dominio da Tecnica e da qualificação, esclarecer-se e tomar posição para assegurar o desenvolvimento e a independencia efetiva da nossa economia através dos problemas fundamentais de reforma agraria, da siderurgia, do petroleo, do carvão, da eletricidade, do saneamento, da agronomia. E' preciso abrir perspectivas á ciencia nacional, pois só ela, com dezenas de milhões de técnicos e cientistas brasileiros, trará a luz do sol e ao serviço do povo a riqueza imensa asfixiada no coração de nossa terra por interesses contrarios ao interesse nacional.

Aniversario da execução de Tiradentes

Comemora-se a 21 do corrente o 155.° aniversario da execução de Tiradentes, o heroi da Inconfidencia Mineira, principal cabeça do movimento de independencia nacional que teve lugar no fim do seculo 18, visando liquidar a dominação portuguesa no Brasil, e com ela a exploração do povo.

Tiradentes é um simbolo bem expressivo para a época que vivemos. Traduz os anseios de todo o nosso povo pela completa emancipação economica e politica do país, pela liquidação de uma opressão muito mais brutal, mais organizada, mais sistematica — a do imperialismo, em particular do imperialismo mais agressivo e mais proximo, o norte-americano.

Hoje, como nos dias de Tiradentes, os que se encontram á frente da luta que não deve ter treguas contra os poderosos banqueiros dos Estados Unidos, inimigos do grande povo norte-americano e do nosso povo, são acusados de traidores, apontados como renegados da Patria. Mas, como Tiradentes, eles não recuarão.

O povo sabe que os verdadeiros traidores, os exploradores do povo, os que na realidade vendem diariamente a nossa Patria ao estrangeiro, não são homens capazes de sacrificios; ao contrario, são criaturas despreziveis que tratam unicamente de seus interesses pessoais e dos interesses de seu grupo ou de sua casta. Por isso, o povo apoia a luta dirigida pelo Partido Comunista pela completa libertação do Brasil, pela reforma

(CONCLUI NA 7.ª PAG.)

Um anti-comunista que se desmascara como traidor da Pátria

O governo do Chile, desde a eleição de Gonzalez Vidella para a presidencia daquele país, com o apoio do Partido Comunista, — apoio decisivo na sua eleição — tem sido um dos alvos preferidos da campanha imperialista na America Latina. Essa campanha foi motivada fundamentalmente por se tratar de um governo que tem o apoio das massas populares chilenas e, pela primeira vez na América, a participação do Partido Comunista.

A eleição de Vidella significou um poderoso golpe no capital colonizador ianque naquele país, onde seus monopólios de nitrato e das minas de carvão, o fornecimento de matérias primas pela agricultura entregue ainda aos latifundiários, ficaram desde então, ameaçados. Alem disso, a participação de Ministros comunistas no governo de Videla era considerado pelos reacionários como um mau precedente para os paises da América, embora os comunistas participem hoje da maioria dos governos democráticos da Europa.

Daí a luta incessante da reação internacional e em particular dos senhores do Departamento de Estado de Washington, contra o governo Vidella e contra os Partidos Comunistas de todo o Continente, por saberem que um Partido Comunista forte corresponde a uma democracia forte e, portanto, á perda de bases para o imperialismo.

A pressão dos reacionários acaba de provocar uma crise no govêrno do Chile, do qual se retiraram os três Ministros que representavam o Partido Liberal, visando a formação de um govêrno sem a participação dos comunistas. O Partido Liberal do Chile foi assim a ponta de lança de que se serviu o imperialismo para conseguir seus fins.

A pressão foi de tal maneira violenta que, através de um agente provocador do reacionário Partido Socialista chileno — Oscar Schnake — foi proposta ao govêrno da Argentina uma intervenção nos negócios internos do Chile, mediante a negação do empréstimo de 170 milhões de dólares com que Vidella espera liquidar a inflação e possibilitar melhores condições de vida ao povo chileno. Schnake propoz abertamente ao Ministro do Exterior do govêrno argentino, Bramuglia, que usasse o acordo comercial assinado entre os dois paises para conseguir o afastamento dos Ministros comunistas do govêrno Vidella.

Devemos destacar a atitude democrática de Peron, ao ter conhecimento da cínica proposta de Schnake. Não só a repeliu energicamente, como ainda a denunciou ao governo do Chile. "Por motivo algum — declarou o chanceler Bramuglia — nem direta nem indiretamente, a Argentina aceitaria imiscuir-se nos problemas internos de outros paises", acrescentando a Schnake que "não contasse com a Argentina para a sua luta anti-comunista".

E' claro que tanto a doutrina da intervenção como a luta anti-comunista dos reacionários chilenos sao reflexo da politica intervencionista e anti-comunista do Departamento de Estado de Washington.

A solução da crise do governo do Chile, no entanto, foi mais uma derrota dos imperialistas. Estes esperavam que, ante uma pressão internacional, o governo Vidella seria entregue aos reacionários, aos senhores

(CONCLUI NA 7.ª PAG.)

Mais um norte-americano honesto denuncia a política anti-soviética do presidente Truman

Como uma prova de que a reação e o imperialismo ianque tudo fazem para torpedear a politica de aproximação entre os povos sovieticos e o norte-americano, destaca-se a denuncia feita agora pelo diretor do Serviço de Informações norte-americano em Moscou, Armand Willis, sôbre a sabotagem sistemática exercida na embaixada norte-americana naquela capital contra as relações entre a URSS e os EE. UU.

Willis revela que funcionarios declaradamente inimigos da Russia, que rodeiam o embaixador Walter Bedell Smith, o impediram deliberadamente da realizar a missão para a qual foi enviado a Moscou pela Divisão de Informação Internacional e de Assuntos Culturais do Departamento de Estado. Denuncia que as mesmas pessoas contiveram todas as informações que mesmo de longe, podessem ser favoraveis ao melhor entendimento entre o povo russo e o povo norte-americano.

Willis renunciou ao seu cargo e vai apresentar relatorio ao governo de Washington a respeito dos fatos que denunciou. Trata-se de um veterano da guerra e que foi diretor da Universidade Noroeste.

Essa denuncia demonstra que não é facil aos inimigos da paz e da democracia realizarem nos Estados Unidos uma campanha sistematica a fim de destruir os esforços para a amizade e cooperação entre a URSS e os Estados Unidos, base da segurança coletiva e da paz entre os povos. Verifica-se que dentro do proprio Departamento de Estado crescem as divergencias em tôrno da politica imperialista de Truman e dos seus objetivos para organizar o ódio contra a União Sovietica, vendo-se que a vontade do povo norte-americano tambem se reflete na luta travada pelos funcionários honestos e democráticos daquele Departamento contra os agentes do imperialismo que ali estão dirigindo as manobras guerreiras de Truman.

Willis é um democrata honesto e por isso não pode deixar de denunciar o que viu e desmascarar a famosa "liberdade de informação" de que sempre fala o Departamento de Estado.

E' um americano, Henry Wallace, quem declara que uma critica publicada no "Pravda" sobre coisas na URSS transforma-se em mil criticas publicadas na grande imprensa norte americana, notando-ce que essas criticas se alimentam das calunias, da mais grosseira mentira, da intriga e da provocação anti-sovietica.

A denuncia de Willis é mais uma valiosa contribuição para alertar o povo norte-americano contra os seus inimigos, que predominam no Departamento de Estado e fazem o jogo do setor mais reacionario do imperialismo ianque. E' mais uma comprovação do que é o sistema de intriga e de provocação utilizado pelas agencias imperialistas e pelos funcionarios acusados por Willis. A propria noticia da denuncia feita pelo diretor do Serviço de Informações norte-americano em Moscou foi deturpada pela "imprensa sadia" no Brasil, na qual se informou que era o governo sovietico que pretendia dominar a embaixada norte-americana naquela capital...

O certo, porem, é que o povo norte-americano apesar da cortina de ferro da "grande" imprensa e da politica dominante do Departamento de Estado de Washington, está tomando conhecimento dos fatos, cada vez mais compreendendo a necessidade de uma aproximação maior com o povo sovietico para a garantia da paz e reage contra as provocações e as ameaças com que a reação e o imperialismo querem abolir as liberdades democraticas em seu pais.

Ainda há pouco, um dos grandes lideres desse povo, Henry Wallace, que se acha na Inglaterra, manifestou a sua surpreza com a noticia de que alguns norte americanos "neguem o direito de um cidadão particular dizer suas opiniões a um povo amigo". Essa declaração de Wallace desmascara o grupo imperialista diante do povo dos Estados Unidos, alertando que esse grupo quer uma ditadura fascista para fazer a guerra e repetir as façanhas de Hitler no mundo.

Esses fatos demonstram a justeza das Teses para a discussão do IV Congresso do nosso Partido nas quais se evidencia que uma das contradições dominantes no mundo é a que se verifica entre o povo norte-americano e os reacionários do capital monopolista ianque.

DIA 3 — GRANDE FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO, NOS SALÕES DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL COMEMORANDO A REALIZAÇÃO DO IV CONGRESSO DO P.C.B.